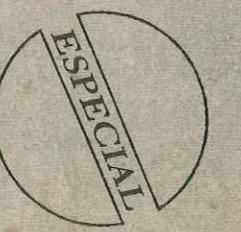
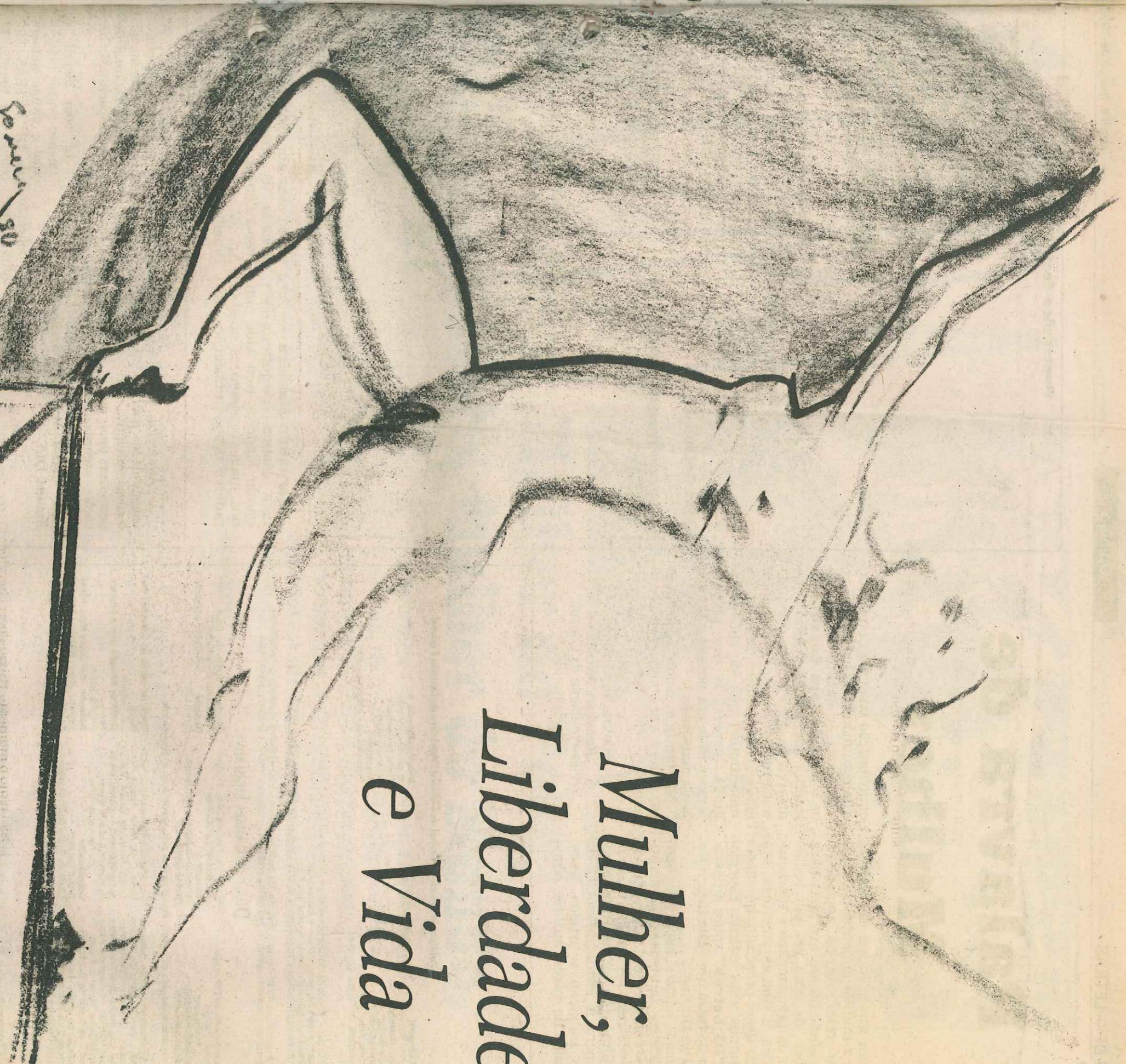




L . E . T . I F R . A . S



CONTRATO N° 3956/91  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA



*Mulher,  
Liberdade  
e Vida*

# Palavra de Mulher

cão, a mulher já ocupa hoje um lugar relevante na sociedade.

Mas ainda há muito a fazer para acabar, de uma vez por todas, com os preconceitos e discriminações. E com esta certeza, imbuída deste propósito, que apresentamos esta edição especial do "DF Letras", sobre a passagem de mais um "Dia internacional da Mulher".

Nesta edição especial, sem preguiças, lamúrias ou melindres, consciente de que, em vários setores, nós, mulheres, contribuímos de forma fundamental para a formação social do País, publicamos artigos, teses, ensaios de várias autoras como

contribuição básica à densidade intelectual do Povo brasileiro. A figura, ao mesmo tempo docente e forte de **Cora Coralina**, a mulher de Goiás Velho que atravessou o mundo, surge como nosso símbolo. Cora, antes de tudo, foi uma mulher que, de cabeça erguida, venceu o seu próprio tempo. Ela em nossas páginas. Nada mais justo.

Nós também estamos prontas para viver, ver e vencer, o nosso

Palavra de mulher!  
Rosemary Miranda  
Vice-Presidente da Câmara Legislativa do DF

DF Letras — Diário da Câmara Legislativa  
Endereço para Correspondência e Assinaturas  
SAIN-Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília tel (061) 347-5128 e 347-4626

A assinatura do DF-Letras é gratuita. Os pedidos devem ser enviados ao endereço do expediente, constando o nome do assinante, profissão e endereço completo, com CEP e telefone para contato.

## DIÁRIO DA CÂMARA LEGISLATIVA

Coordenador da Edição: Nelson Pantozzi (Reg. Profissional 9160601/DF/Minb) Editora-executiva: \*As colaborações para o DF-Letras são solicitadas pela coordenação do Suplemento

Colaboraram neste número: Ibo, Maurício Melo Júnior, Shirley Marca, Valéria, Maria do Rosário Caetano, Donaiva Caixeta, Marinho Luis Rocha, José County Neto, José Geraldo, Marlene de Vellino, Angélica Madeira, Odeth Ernest Dias, Valda de Queiroz, Eleonora Zicari Brito, Lena Castelo Branco F. de Freitas, Nancy Ribeiro de Araújo e Silva, Valéria Carvalho Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Editor-geral  
Editor-literário  
Paulo Bertran  
Projeto Gráfico  
Cláudio Antônio de Deus  
Secretaria — Tereza Cristina A.

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico

Cláudio Antônio de Deus

Secretaria — Tereza Cristina A.

Lima

Editor-geral

Editor-literário

Paulo Bertran

Projeto Gráfico



Cora

doceira,

poeta,

mãe,

mulher!

# Mulher do Mato, Mulher do Mundo.

Cora Coralina foi uma das maiores poetas que este país já teve. Seu nome completo,

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, leva-nos ao subsolo dos primeiros povoadores do Planalto Central.

Neste artigo, recompilação de sua tese de mestrado, a profa Marlène de Vellasco,

**MARLENE DE VELLASCO**

Casa de Cora Coralina

**A** Mulher do Povo — O engajamento literário é visto por alguns teóricos de uma forma bem dilatada, talvez como mecanismo de abolir o termo radicalizado de compromisso ou arte independente, deixando explícito ou implícito que a verdadeira obra de arte é o reflexo da história e do homem. Para Adorno, "não há um conteúdo objetivo, nem uma categoria formal da poesia, por mais irreconhecivelmente transformado e às escondidas de si mesmo, que não processa da realidade empírica a que se furtar". Com isso e com o reagrupamento dos diferentes aspectos, graças às suas leis formais, a poesia condiciona seu comportamento para com a realidade. Para Cassiano Ri-

cardo, "o poema, independentemente de qualquer forma de participação, deve conservar sua autonomia que o fará responável por si mesmo, a fim de que possa cumprir, por conta própria, o seu papel participante, na sociedade moderna", descontinuando-lhe as múltiplas possibilidades de desvelar o mundo conforme sua própria vontade e o "homem, aos outros homens para que este forme, em face do objeto, assim desnudado, a sua interior responsabilidade".

Neste sentido, podemos

delinear o comprometimento de Cora Coralina ao levar para a sua poética todas as mazelas do mundo, registrando a vida degradada das personagens que povoam sua vida, tanto na terra natal, como em outras para-

gens, assumindo e denunciando de forma crítica toda a sociedade que desumaniza a pessoa. Cora Coralina traz para o texto os tipos inúteis que vivem a margem da sociedade, colocando-se ao mesmo nível deles. Ela é o próprio sujeito, é a identificação do sujeito-poeta com esse povo que anda pelo residual da vida, espoliado de uma existência digna.

No poema "Mulher da vida", Cora Coralina se torna sua aliada e cumplice na defesa e ataque, o que lhe dá força para sair vitoriosa e assumir, no próprio discurso, a condição de sobrevivente de uma classe oprimida. E de se autocontemplar. Possibilita a reiviravolta final de posição e do domínio do próprio sujeito, ▶

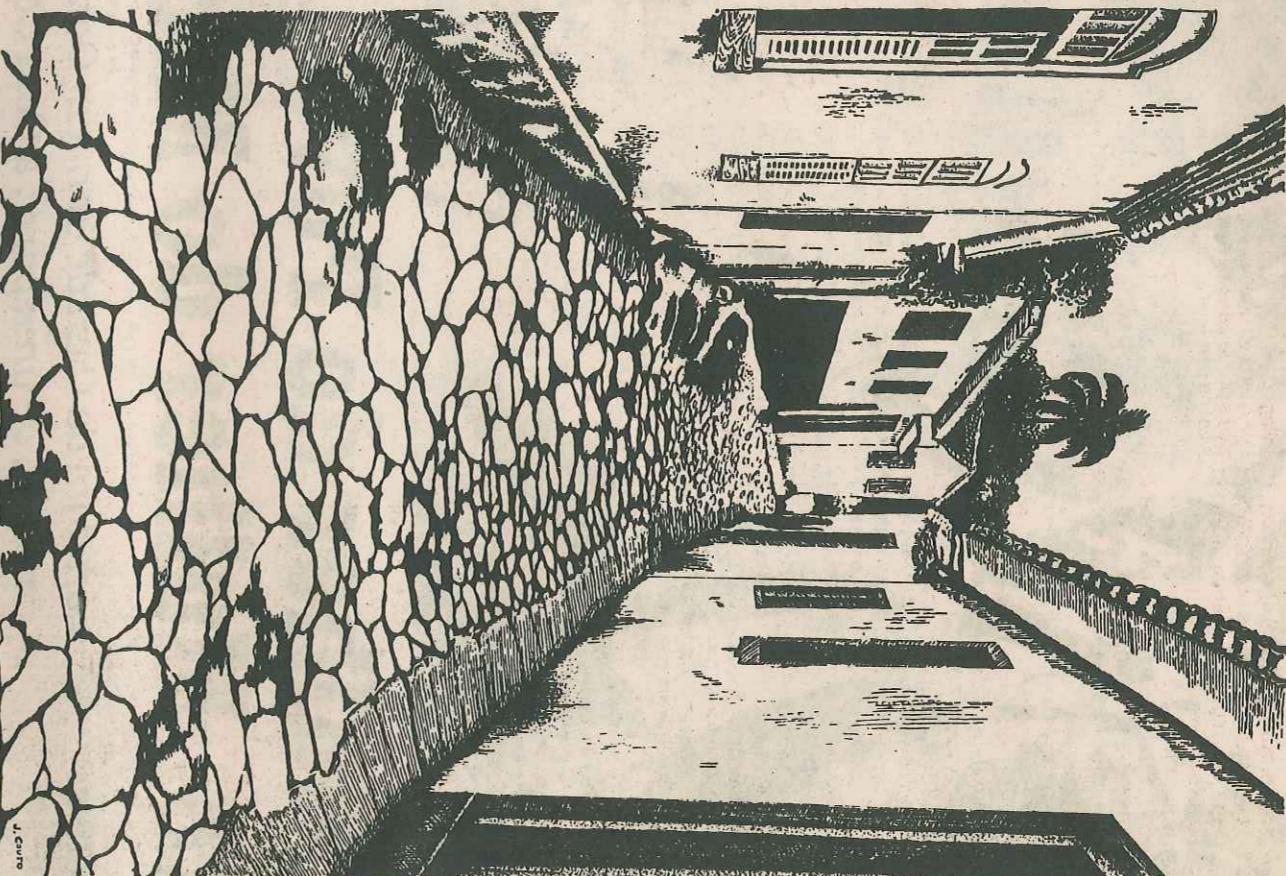
curadora da Casa de Cora em Goiás-Velho, mostra, de uma parte, a Cora Coralina, feminista, protetora das prostitutas e das lavadeiras, e de outro aspecto a Cora lavírica - A mulher da terra, da ecologia do cerrado, do milho, da messe da natureza.

que participa da miséria do outro, aliando a condição existencial à social, dizendo sem subterfúgio, sem máscara:

**CASA VELHA DA PONTE —**  
Cidade de Goiás  
"Velho documentário de passados tempos,  
vertente viva de estôrias e de lendas. Meus antelos extraiavasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas e eu me fiz no largo da vida. Vestida de cabelos brancos voltei à 'Casa Velha da Ponte', barco contênia encalhado no Rio Vermelho. Cora Coralina (Meu Livro de Cordel) Nesta casa nasceu Cora Coralina.



Cora Coralina.



**Mulher da vida**  
minha irmã.

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas. Desprotegidas e exploradas, ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.

Necessárias fisiologicamente. Indestrutíveis. Possuidas e infamadas sempre por aqueles que um dia as lancaram na vida.

Marcadas. Contaminadas. Escorhadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste. Nenhum estatuto ou norma as protege. Sobrevivem como a erva cativa dos caminhos, pisadas, maltratadas e renascidas.

Flor sombria, sementeira espinhal gerada nos viveiros da miséria da pobreza e do abandono, enraizada em todos os quadrantes da terra.

Um dia numa cidade longínqua, essa mulher corria perseguida pelos homens que a tinham maculada. Afrita, ouvindo o torpe dos perseguidores e o sibilo das pedras, ela encontrou-se com a justiça.

A Justiça estendeu sua destra poderosa e lançou o repto milenar: "aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra". As pedras cairam e os cobradores deram as costas.

O Justo falou então a palavra de equidade: "Ninguém te condenou, mulher... nem eu te condeno".

(...) Sem cobertura de leis e sem proteção legal ela atravessa a vida ultrajada e imprescindível, pisoteada, explorada. No fim dos tempos, No dia da grande Justiça Será remida e levada de toda condenação.

**E o Juiz da Grande Justiça** em novo batismo de purificação. Limpares as máculas de sua vida humilhada a sacrificada para que a Família Humana possa subsistir sempre, estrutura sólida e indestrutível de todos os povos, de todos os tempos.

**Mulher da vida**  
minha irmã.

A leitura desse texto levava-nos ao cerne da poética de Cora Coralina. Nele há a construção de uma personagem enredada na duplação do outro e Cora-mulher-da-vida, como ponto de união das essências. É a vontade da poetisa em triunfar do nada, dos escombros da humanidade, vencer a fatalidade. Ainda no contexto do poema, a interação da

poetisa com a mulher da vida não figura somente como solidariedade, mas sobre tudo, pela ancestralidade que, no dizer de José Fernandes, "não é apenas um fator de aproximação, mas de interligação e de conexão com o outro em que dá-se a busca da humanidade". Assim, ao interligar-se ao outro, dá-se a busca de si mesma, introduzindo no outro a sua verdadeira identificação. Por outro lado, é também uma tomada de posição frente à realidade concreta, uma crítica implícita dos valores puramente verbais, tornando-se uma poetisa comprometida com os problemas sociais. Assim, Cora Coralina desenterra a poesia que está latente em todos os seres, mesmo os mais insignificantes, confirmando, neste modo, a postulação de Manuel Bandeira: "poesia é o etér em que tudo é mergulhado e que, por sua vez, penetra em tubo".

Outro tom forte de comprometimento manifesta-se no poema "Vida de lavadeira", ao tentar a lavadeira, endossa o tipo de linguagem que ela libera, e desgaste de um corpo e de uma escrita, da escrita do corpo e do corpo da escrita. Há em todo texto um tecer de verdades. Uma tendência para refletir, cada vez mais,

No fim dos tempos, No dia da grande Justiça Será remida e levada de toda condenação.

**E o Juiz da Grande Justiça** em novo batismo de purificação. Limpares as máculas de sua vida humilhada a sacrificada para que a Família Humana possa subsistir sempre, estrutura sólida e indestrutível de todos os povos, de todos os tempos.

**Mulher da vida**  
minha irmã.

A leitura desse texto levava-nos ao cerne da poética de Cora Coralina. Nele há a construção de uma personagem enredada na duplação do outro e Cora-mulher-da-vida, como ponto de união das essências. É a vontade da poetisa em triunfar do nada, dos escombros da humanidade, vencer a fatalidade. Ainda no contexto do poema, a interação da

sobre o sofrimento dos desprotegidos. Suas personagens não surgiram do acaso, são frutos das experiências pessoais, sublimados os percalços da sua vida, através de identificação com o outro, que se apresenta como o outro dela mesma e uma forma de atravessar as fronteiras da própria existência. Sob este prisma, nos versos do poema "Vida de lavadeira", vibra um eu consciente e assumido, pois se o poema se não se encaixa na vida, perde sua razão de ser. Por outro lado, a figura da lavadeira está diretamente relacionada a outras categorias profissionais, encravadas nas malhas da verdadeira escravidão do mundo, onde o conflito interior e a luta pela sobrevivência se acham comprometidos com o discurso do poder. As linhas do poema "Vida de lavadeira", ao tentar a lavadeira, endossa o tipo de linguagem que ela libera, e desgaste de um corpo e de

uma escrita, da escrita do corpo e do corpo da escrita. Há em todo texto um tecer de verdades. Uma tendência para refletir, cada vez mais,

**REGO DO SÓCRATES.**  
"Conto a estória do beco, do beco, da minha terra, suspeito... mal-famado, Boco do bicho profunda".

**Boco do bicho.**  
"Boca do bicho, bicho da vida".

poetisa com a mulher da vida não figura somente como solidariedade, mas sobre tudo, pela ancestralidade que, no dizer de José Fernandes, "não é apenas um fator de aproximação, mas de interligação e de conexão com o outro em que dá-se a busca da humanidade". Assim, ao interligar-se ao outro, dá-se a busca de si mesma, introduzindo no outro a sua verdadeira identificação. Por outro lado, é também uma tomada de posição frente à realidade concreta, uma crítica implícita dos valores puramente verbais, tornando-se uma poetisa comprometida com os problemas sociais. Assim, Cora Coralina desenterra a poesia que está latente em todos os seres, mesmo os mais insignificantes, confirmando, neste modo, a postulação de Manuel Bandeira: "poesia é o etér em que tudo é mergulhado e que, por sua vez, penetra em tubo".

Outro tom forte de comprometimento manifesta-se no poema "Vida de lavadeira", ao tentar a lavadeira, endossa o tipo de linguagem que ela libera, e desgaste de um corpo e de

**Sombra da mata**  
sobre as águas quietas  
onde as iaras  
vêm dançar à noite...

**Fazemos versos sem mentir**  
— onde batem roupa

**Sombra verde dos morros**  
no pôr do sol

Vive dentro de mim  
a lavaideira do Rio Vermelho.

Seu cheiro gostoso  
d'água e sabão.

Rodinha de pano.

da Carioca onde as mulheres sem marido, carregadas de necessidades mães de muitos filhos largadas pelo mundo batem roupa nas pedras lavando a pobreza sem cantiga, sem toada, sem alegria.

Quero escrever versos verdadeiros

Por que sei, Senhor, que a mentira se insinua nos meus versos?

Onde vive você, poeta, meu irmão que faz versos sem mentir?

É a partir da busca da ver-

aldia faz o questionamento

sobre o mundo e a condição

humana toma posição frete-

à realidade concreta. Octávio

Paz observa que "poesia é

revelação da condição hu-

mana e consagração de uma

experiência histórica con-

creta". Assim, para a poe-

sa essa participação poética

é o compromisso de si mes-

ma com o homem e sua

condição social, histórica e

existencial. Cora Coralina

é a partir da busca da ver-

aldia faz o questionamento

sobre o mundo e a condição

humana toma posição frete-

à realidade concreta. Octávio

Paz observa que "poesia é

revelação da condição hu-

mana e consagração de uma

experiência histórica con-

creta". Assim, para a poe-

sa essa participação poética

é o compromisso de si mes-

ma com o homem e sua

condição social, histórica e

existencial. Cora Coralina

é a partir da busca da ver-

aldia faz o questionamento

sobre o mundo e a condição

humana toma posição frete-

à realidade concreta. Octávio

Paz observa que "poesia é

revelação da condição hu-

mana e consagração de uma

experiência histórica con-

creta". Assim, para a poe-

sa essa participação poética

é o compromisso de si mes-

ma com o homem e sua

condição social, histórica e

existencial. Cora Coralina

é a partir da busca da ver-

aldia faz o questionamento

sobre o mundo e a condição

humana toma posição frete-

à realidade concreta. Octávio

Paz observa que "poesia é

revelação da condição hu-

mana e consagração de uma

experiência histórica con-

creta". Assim, para a poe-

sa essa participação poética

é o compromisso de si mes-

ma com o homem e sua

condição social, histórica e

existencial. Cora Coralina

é a partir da busca da ver-

aldia faz o questionamento

sobre o mundo e a condição

humana toma posição frete-

à realidade concreta. Octávio

Paz observa que "poesia é

revelação da condição hu-

mana e consagração de uma

experiência histórica con-

creta". Assim, para a poe-

sa essa participação poética

é o compromisso de si mes-

ma com o homem e sua

condição social, histórica e

existencial. Cora Coralina

é a partir da busca da ver-

aldia faz o questionamento

sobre o mundo e a condição

humana toma posição frete-

à realidade concreta. Octávio

Paz observa que "poesia é

revelação da condição hu-

mana e consagração de uma

experiência histórica con-

creta". Assim, para a poe-

sa essa participação poética

é o compromisso de si mes-

ma com o homem e sua

condição social, histórica e

existencial. Cora Coralina

é a partir da busca da ver-

aldia faz o questionamento

sobre o mundo e a condição

humana toma posição frete-

à realidade concreta. Octávio

Paz observa que "poesia é

revelação da condição hu-

mana e consagração de uma

experiência histórica con-

creta". Assim, para a poe-

sa essa participação poética

é o compromisso de si mes-

ma com o homem e sua

condição social, histórica e

existencial. Cora Coralina

é a partir da busca da ver-

aldia faz o questionamento

sobre o mundo e a condição

humana toma posição frete-

à realidade concreta. Octávio

terra, exercendo um poder de elevação, um direcionamento para o encontro de sua linguagem e de sua esência.

Assim, as características locais são de tal modo metamorfosadas que se transmudam em linguagem, em imagens e matérias poéticas que simbolizam a região. E o que acontece em "Poemas dos becos de Goiás e estórias mais", onde os elementos da terra são expressos de uma linguagem universal. Em decorrência, a obra coralineana converte para a definição de uma terra, a árvore, os frutos, os cereais, os animais saem da tessitura da reminiscência e se metonimizam em objetos do chão. O eu da poesia se vê percebido pelas coisas do chão, pelo universo telúrico. Urge responder ao convite vital de sua alquimia poética e elemento restaurador de sua essência no poema. E responsável pelo retorno à primatividade mítica, como podemos verificar neste fragmento:

Eu sou o amor à terra. Sou o amor à gleba. Tenho uma profunda identificação com a terra e aos que nela trabalha. Me sinto profundamente identificado com ela.

As fontes do telurismo, ou seja, a natureza, o homem e as tradições extravasam o interior da poesia, porque filtrado pela sensibilidade, pelo amor à terra e aos que nela trabalham. A terra é a força que inunda o universo da linguagem. E todas as coisas que se igualam ao ser humano assumem atributos humanos, tornando possível um graveto ser o homem.

Os signos, assim entendidos, trazem para o texto as coisas do chão. O real, as palavras e os motivos são transmutados em linguagem telúrica, para se transformarem em novas formas de ser, para se igualarem ao ser humano, para atingir a carga máxima da poeticidade, porque poema não é senão "um romper os muros temporais, para ser outro", como dizia Octavio Paz. Incorporar os objetos da natureza, antes de tudo, é ampliar o universo do ser para a apreensão da realidade concreta.

Cora Coralina redimensiona a linguagem e assume o eu com os objetos nomeados, criando e deslocando novos sentidos sob o signifante do signo que, a priori, aponta para a matéria do chão, para o inorgânico.

A fusão dos elementos da natureza com o eu poético tem sua origem na própria terra, pois, segundo a poesia, todos os componentes da realidade têm sua origem no chão, inclusive o homem, o

que confirma o seu telurismo e a inserção no Cosmos, pois "O Cosmos é um organismo vivo, o que se renova periodicamente, e o seu modo de ser" e a sua expressão de regenerar é expressa simbolicamente pela vida da Árvore, no dizer de Eliade.

No poeta da poesia se instaura um mundo em que qualquer coisa, seja árvore, um pássaro, um graveto, um paitol, perde seu sentido natural, transubstanciando-se em nova forma de ser, a simbóse do ser com a totalidade do universo:

Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras.

e coaxam as rãs, rugem todas as boiadas que vão pelas estradas.

Segundo o autor de **A Loucura da Palavra**, Fernando, "o simbolismo da árvore, ligada à vida pe-

rense, não poderia dispensar, conjuntamente, a simbologia dos frutos". Colocamos o milagre, que a terra fecundou. Sou a planta primária da lavoura. Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo.

Urge dizer de Eliade. De mim não se faz o pão alvo de trigo, nem a pão alvo é a simbólica de regenerar.

No poeta da poesia se instaura um mundo em que qualquer coisa, seja árvore, um pássaro, um graveto, um paitol, perde seu sentido natural, transubstanciando-se em nova forma de ser, a simbóse do ser com a totalidade do universo:

Senhor, nada valho. Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres. Meu grão, perdido por acaso, nasce e cresce na terra.

Ponto folhas e haste, e se me ajudares, senhor,

mesmo planta de acaso, solitária, dos espinhos e devolvo em muitos grãos perdido inicial, salvo por

Diríamos que a transmutação da poesia em outros elementos da natureza, usando palavras de Heidegger, tem relação com "as angústias metafísicas oriundas do involúcro da miséria e limitações que impõe o estar no mundo". Assim, fundir-se ao milho, planta humilde dos quintais pequenos e lavouras pobres, vale dizer que o seu mundo é a reimplantação da condição miserável de vida por que passou, é a necessidade de fugir da solidão material e criar novos seres e domi-

nação. Arrancar da neutralidade dos signos a essência poética, porque "a poesia é a forma que contorna o caos da existência e lança o homem para o ser ou, pelo menos, para a possibilidade de ser", ensina J. Fernandes. Desta forma, a poesia, ao criar realidades absurdas, à lógica, está através da poesia, ganhando o sentido sem sentido da existência.

O ser também se vegetaliza para tirar do chão o significado da vida. E com o "poema do milho", que a autora realiza o seu melhor trabalho poético, numa explosão de amor à natureza, onde o lavrador se transubstancia no próprio elemento — a terra, para dela retirar as suas possibilidades de atualização, deixando instalar-se a sua passagem para o vegetal.

**LENHERO — Cidade de Goiás.**  
"Agora esses  
burrões de lenha,  
arrachados na  
sua carga, no  
range-range  
das cangalhas.  
E aquilo maninho,  
lenheteiro ele,  
salvo seja.  
Pequeno para  
ser homem,  
força para  
ser cidadão"  
Cora Coralina  
(Becos de Goiás)

**LENHERO —  
Cidade de Goiás.**  
"Agora esses  
burrões de lenha,  
arrachados na  
sua carga, no  
range-range  
das cangalhas.  
E aquilo maninho,  
lenheteiro ele,  
salvo seja.  
Pequeno para  
ser homem,  
força para  
ser cidadão"  
Cora Coralina  
(Becos de Goiás)

Cavador de milho, que está fazendo?  
Há que milênios vem você plantando?  
Capanga de grãos dourados a tiracolo.  
Crente da terra. Sacerdote da terra. Pai da terra.  
Filho da terra. Ascendente da terra.  
Descendente da terra.  
Ele mesmo, terra.

Assim, diríamos que a forma telúrica coralineana está enraizada na terra e, como já vimos, ela corrobora para a definição de sua poética, ela aparece em seu sentido, primeiro como a **terra materna**, que dá nascimento a todos os seres, de que fala Mircea Eliade. Portanto, ao retornar o significado da terra em sua tessitura poética, dá-se o movimento da Génesis, onde tudo se cria e se recria. Comprovase que só a substância telúrica é capaz de paz de tornar possível a constituição da vida, de que a terra é geradora do movimento perpetuo da criação. Concluindo, diríamos que a energia é capaz de gerar o próprio ser e transformá-lo em guardador do círculo da vida que a alquimia telúrica instaura.

Concluindo, diríamos que é fundamental a força telúrica na feitura dos versos coralineanos. Um telurismo transfigurado que define os limites do geográfico e do regional para atingir o universal dos seus poemas.

**MARLENE GOMES DE VELASCO** — diretora da casa de Cora Coralina, na antiga Vila Boa, hoje Cidade de Goiás. É mestra pela Universidade Federal de Goiás, de cuja tese extraímos alguns excertos para o presente texto.

Endereço para correspondência: Casa de Cora Coralina — Rua do Rosário — Cidade de Goiás.



MARLENE GOMES DE VELASCO — diretora da casa de Cora Coralina, na antiga Vila Boa, hoje Cidade de Goiás. É mestra pela Universidade Federal de Goiás, de cuja tese extraímos alguns excertos para o presente texto.

o abrimos um dicionário de qualquer língua moderna encontramos um número significativo de expressões onde a palavra mulher é acompanhada de qualidades negativas.

Os significados dos vocábulos listados nos dicionários apontam para construções coletivas, valores que se cristalizaram ao longo do tempo, delineando molduras culturais amplas, que fornecerão padrões para a percepção do mundo e para as ações.

A língua em si, enquanto estrutura, só se move de acordo com suas próprias leis, porém a dinâmica dos significados evidencia, muitas vezes, discrepâncias entre os sentidos históricamente fixados e a força das transformações sociais.

Parece assim que o valor negativo atribuído à palavra mulher corresponde a uma construção muito mais antiga que a própria língua portuguesa, datando de tantos séculos quanto foram necessários para a afirmação dos valores patriarcais que constituíram o Ocidente e a Cristandade.

Alguns autores consideram o *Malleus Malleficarum* (1484), obra de dois inquisidores alemães, Sprenger e Kramer, um marco, a culminação de um processo que visava associar a mulher com o mal, já então alegorizado na figura do diabo. Esta associação vinha sendo preparada desde a antiga Idade Média, por Agostinho e mais tarde por Tomás de Aquino, através do aproveitamento e da reelaboração seletiva dos textos hebraicos e clássicos sobre a mulher. Toda uma literatura específica foi sendo formada e sistematicamente retomada pelos pregadores, mestres de consciência, teólogos e demonólogos até criar raízes no senso comum e ganhar existência na vida cotidiana.

A figura da Bruxa é o melhor exemplo de precipitação mental. Já dizia Michel, referindo-se ao contexto do continente europeu, que a Bruxa só pode ser pensada dentro de uma forte cultura eclesiástica, uma cultura que decomponha as mil nuances do diabo e da mulher em uma dicotomia maniqueísta e abrupta.

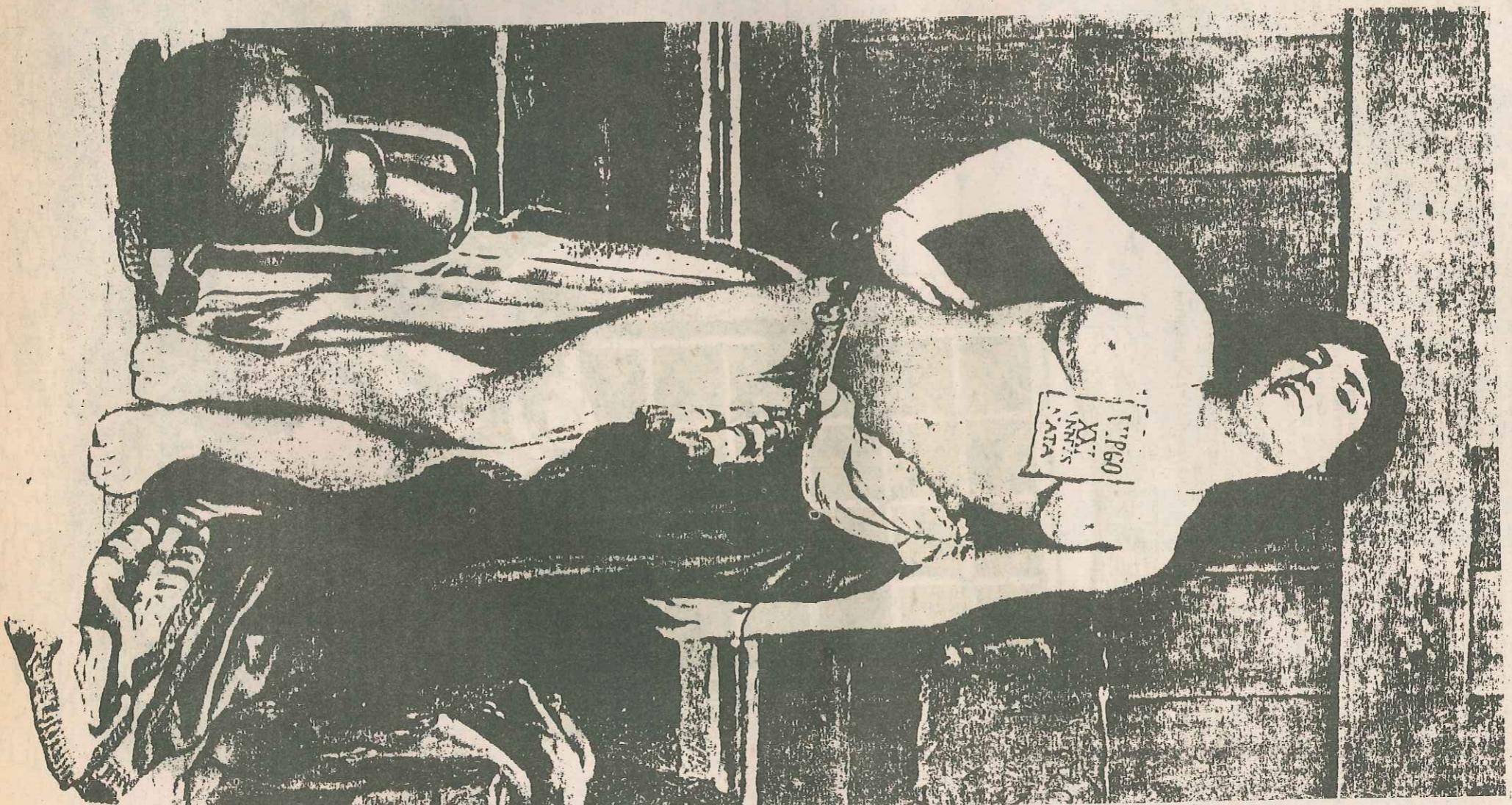
A caça às bruxas que durou, grosso modo, do século XIV ao XVII, nos quatro cantos da Europa, nada mais é que o acirramento do medo e da insegurança geral, por tantas transformações, políticas, sociais, religiosas, sobrevidas com modernidade. O dogmatismo da religião cristã fez com que se desenvolvesse um alto grau de intolerância em relação às práticas rituais ditadas heréticas ou heterodoxas. Hécuba, Diana, Isis, e outras deidades dos lares foram aprisionadas. A discriminação das mulheres, que

# A Mulher e o Mal

A professora Angélica Madeira revela neste artigo que até os dicionários abrigam o preconceito contra a mulher em suas páginas

**Angélica Madeira**

Universidade de Brasília



Escrava  
Romana-Quadro  
a ônix de  
Oscar Pereira  
da Silva (1880-  
Séc. XIX,  
Pinacoteca de  
S. Paulo)

Apesar da profunda transformação da mentalidade e dos costumes ocorrida nas últimas décadas, de resiliabilidade sobre tudo, dos movimentos feministas, as idéias de longa duração vêm os séculos até serem completamente exumadas.

\* Angélica Madeira, doutora em Semiótica pela Universidade de Paris VII, é professora adjunta do Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília. Durante o ano de 1990 foi "research associate" na Universidade de Columbia, New York, no "Research Center for Language and Semiotic Studies", Universidade de Indiana, Bloomington. Escreveu e publicou vários artigos em periódicos nacionais e estrangeiros sobre literatura, música e cultura popular. Atualmente prepara um livro sobre a História Trágico-Marítima, uma coleção de narrativas de naufrágios de barcos mercantes portugueses do século XVI. Endereço para correspondência: Colina, Bloco A, ap. 222 — Campus da UnB — Brasília DF.

atingiu também o corpo e as práticas eróticas, domesticou-as, tornou-as doces. Esta operação repressiva gerou resultados.

Lembremo-nos, somente dos sérios monótonos narrados pelos romances do século XIX ou do tédio de Emma Bovary em sua pequena sala de jantar, para compreendermos as reduzidas opções reservadas ao ser do sexo feminino, após a puberdade.

Ser esposa é o primeiro significado dicionarizado, onde o termo mulher é connotado positivamente (a esposa é a mulher menos sua sexualidade); ou, segunda opção, prostituta, onde age a associação ao prazer, à música, e mais tarde, ao pecado, ao mal e ao diabo. Preconceituosos ou saborosos, os qualificativos que se somam para desqualificar a mulher à sua expressividade: mulher à tua, mulher da comédia, da rotula ou da zona, de ponta de rua, do fado do fandango, mulher do mundo, mulher da vida, do pala aberto, mulher fatal, termos que associam mulher e sexualidade. Messalina, cortesã, cocô, vulgivaga, muruxaba, zatra, reira são alguns exemplos do alcance transcultural e da formação híbrida deste campo semântico. Mulher perdida, tolerada, transviada, mulher errada, mulher pública e vadia apontam já para o rebaixamento e para a ansiedade que subjaz à associação do erotismo com o mal. Há ainda muitos fios a serem puxados da trama lingüística para compreendermos a intricada gramática dos códigos sociais nos quais existem. Movendo no nível do léxico para a realidade sócio-cultural, pode-se ver, a olho nu, como língua e cultura se conectam.

Apesar da profunda transformação da mentalidade e dos costumes ocorrida nas últimas décadas, de resiliabilidade sobre tudo, dos movimentos feministas, as idéias de longa duração vêm os séculos até serem completamente exumadas.

\* Angélica Madeira, doutora em Semiótica pela Universidade de Paris VII, é professora adjunta do Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília. Durante o ano de 1990 foi "research associate" na Universidade de Columbia, New York, no "Research Center for Language and Semiotic Studies", Universidade de Indiana, Bloomington. Escreveu e publicou vários artigos em periódicos nacionais e estrangeiros sobre literatura, música e cultura popular. Atualmente prepara um livro sobre a História Trágico-Marítima, uma coleção de narrativas de naufrágios de barcos mercantes portugueses do século XVI. Endereço para correspondência: Colina, Bloco A, ap. 222 — Campus da UnB — Brasília DF.

**Grande figura de mulher e musicista, a profa ODETTE ERNEST DIAS analisa neste artigo as repressões sociais sofridas por MOZART no século XVIII e coisas parecidas que andou presenciando na atualidade brasileira. No fim do artigo a autora faz uma tocante apologia do amor à música, apesar dos preconceitos sociais contra os músicos.**

# A Volúpia da música: contrapontos dissonantes

**Odette Ernest Dias**

Universidade de Brasília

**À** propos ... Mozart gostava muito de começar suas car- tas com a expressão "à propos", em francês. Entrava assim, colo- quialmente, no vivo do assunto que o preocupava no momento, quando-nos comunicar facilmente com seu dia-a-dia.

— Dia-a-dia de músico profis- sional, não muito diferente daquele dos seus colegas de pro- fissão de hoje, profissão às vezes suspeita, marginalizada, desconsiderada até como pro- fissão. Muitos pais ainda se in- dignam quando o filho declara que vai ser músico. Até nas ins- tituições acadêmicas, como, por exemplo, nas universida- des, os músicos são marginali- zados devido a dificuldade de avaliação de seu trabalho — peito! Um pequeno episódio pessoal: uma amiga de minha mãe me perguntou o que eu fa- zia na vida. Respondi que eu era professora universitária. — Vou um "Ah!" (administrativo), quando ela prosseguiu, in- dagando em que área eu atuava — na música — veio um Ah ... (depreciativo).

Acompanhemos porém a tra-jetória de Mozart em sua cor- respondência, onde ele mostra, ao começo ao fim de sua vida, um envolvimento musical em todos os aspectos: na criação, na execução, no ensino e até na produção, como se diz hoje. Suas cartas são o reflexo da sua luta pela sobrevivência, de suas dificuldades nas relações com o poder e da sua persistência em preservar sua dignidade pessoal.

— ... que distinção me aco- da o arcebispo? Os Srs Klein- mayer e Bonickl têm uma me- coidiana aparece claramente, e sem necessidade de uma lin- guagem estética e filosófica, o significado profundo da música para ele e para o homem de to- dos os tempos. Neste ponto, pode surgir um paradoxo: co- mo a transcendência da luz da linguagem mozartiana pode coexistir com as preocupações triviais do dia-a-dia? Ele não deveria ser uma pessoa desliga- da dos problemas materiais? É justamente nesse ponto que o paradoxo se desfaz. As dificul- dades que ele atravessava eram

tão intimamente ligadas à sua condição de músico profissio- nal que elas se tornavam parte indispensável da sua emoção e da sua criação. O mito de Mo- zart anjodessaparece em favor da presença do homem, de uma genialidade sempre em confronto com a adversidade e talvez mais forte por isso mesmo. Ou será que esse anjo é mais anjo justamente por ser homem?

A leitura seguida das cartas de Mozart retrata de maneira constante a sua luta contra as dificuldades materiais e sociais ligadas à profissão. Os músicos que lerem estes artigo vão reencontrar aqui situações fa- miliares. Vale citar, do livro *Chega de saudade de Ruy Cas- tro* o seguinte trecho:

Em 1956, pessoas de boa fa- milia não se misturavam a mu- sicos e cantores, exceto ao contrá-los para tocar em suas festas, caso em que estes entra- vam e saíam pelos fundos.

Qual era a condição social de Mozart? Deixemos que ele mesmo fale e, paralelamente, apresentemos algumas situa-ções atuais muito parecidas.

(Mozart) — ... Eu não sabia que era um criado de quarto (valet de chambres), foi isso que me perdeu. Eu deveria todos os dias da manhã gastar algu- mas horas ficando de plantão, à disposição... (carta 165, a seu pai, Viena, 12 de maio de 1781)

(Mozart) — ... que distinção me aco-

da o arcebispo? Os Srs Klein- mayer e Bonickl têm uma me- coidiana aparece claramente, e sem necessidade de uma lin- guagem estética e filosófica, o significado profundo da música para ele e para o homem de to- dos os tempos. Neste ponto, pode surgir um paradoxo: co- mo a transcendência da luz da linguagem mozartiana pode coexistir com as preocupações triviais do dia-a-dia? Ele não deveria ser uma pessoa desliga- da dos problemas materiais? É justamente nesse ponto que o paradoxo se desfaz. As dificul- dades que ele atravessava eram

dor do Distrito Federal — durante um almoço de senhoras onde eu tocava com o Clube do Choro, fiquei na situação ambígua de ou me sentar numa das mesas como conhecida de muitos e convidada para isso, ou compartilhar a mesa dos músicos... Procuramos a tal mesa, não tinha... Os músicos iam comer na copa, com louça rachada, sem guardanapos e sem atendimento de garçons. A minha solução foi de não al- moçar.

— Salvador — Fui tocar num festa de aniversário convi- dada por um grupo de chorões baianos, conhecidos meus. Apartamento luxoso, no bairro de Brotas. Os músicos entra- ram pela porta dos fundos e foram convidados a se sentar na área de serviço; esperando na copa o dono da casa que me re- conheceu (eu tinha morado na Bahia, anos antes, quando meu marido era gerente de um banco). Depois de muita surpresa, ele insistiu em me levar para a sala, onde me ofereceram uís- que e canapés de caviar. Como esposa de gerente de banco eu subia imediatamente na escala social!

— ... que distinção me aco- da o arcebispo? Os Srs Klein- mayer e Bonickl têm uma me- coidiana aparece claramente, e sem necessidade de uma lin- guagem estética e filosófica, o significado profundo da música para ele e para o homem de to- dos os tempos. Neste ponto, pode surgir um paradoxo: co- mo a transcendência da luz da linguagem mozartiana pode coexistir com as preocupações triviais do dia-a-dia? Ele não deveria ser uma pessoa desliga- da dos problemas materiais? É justamente nesse ponto que o paradoxo se desfaz. As dificul- dades que ele atravessava eram

Mozart se libertou do servi-ço do arcebispo para se tornar free lance, ensinando tocando e compondo. Mas o free lance sofria, como sofre até hoje, o mesmo tipo de repressão e dis- criminação, só que numa esca- la maior, a de toda a sociedade.

Nessa nova situação de libe- rde aparente, a luta contra o desprezo e a indiferença dos poderosos continua a mesma.

(Mozart) ... Não poderei con- seguir sobreviver sem ter alu- lho para o qual não nasci. Aqui tenho disso a prova viva. Pode-ria ter tido dois alunos. Fui três vezes na casa de um deles e ele não estava. Não voltei mais.

(carta 106, a seu pai — Ma- nheim, fevereiro de 1778).

A comparar-se com a expe-riência que tive eu própria:

Brasília — Asa Sul — De- pois de muito solicitada, acei- tei dar aulas particulares de flauta a um Senhor Deputado Federal, na casa dele, isso con- tra todos meus principios. Foi combinado um pagamento mensal. Na quarta aula, não en-contrei esse senhor. Ele tinha

viado sem me avisar e nunca mais deu notícias... nem paga-mento.

(Mozart) ... Teria o execu- tante mais sorte que o profes- sor? ... Nessa primeira visita à Senhora de Chabot<sup>4</sup>, tinha ela me convidado a voltar dentro de oito dias! Cumpri o prome- tido e fui. Tive de esperar meia hora numa sala grande, gelada, sem calefação e sem lareira. Até que enfim, a Senhora de Chabot chegou com a maior ci- vilidade e me pediu para me contentar com o piano que aí estava — já que nenhum outro estava em boas condições. Fa- lei que tocaria de muito boa vontade alguma coisa, mas, que no momento, era impossí- vel. Não sentia meus dedos de tão congelados — e pedi que me levasse pelo menos num cômodo onde tivesse uma la- reira. Oh, si monsieur, o Sr. tem razão, foi toda sua respon- ta. Ela sentou-se e começou a

ninguém ter a idéia de me pre- sentear com um novo (carta 88, a seu pai, Manheim, 13 de no- vembro de 1772).

Só ao tempo de Mozart<sup>5</sup> ve- jamos pois:

— Rio de Janeiro — Convi- dada para dar um concerto na casa de um grande industrial (recital de música barroca), me entregaram, com muita ceri- mônia, um pequeno anel de ouro no lugar do cachet.

O servicial músico era considerado enquanto servia a con- tento. Quando Mozart manifes- tou seu desejo de independê- cia, de deixar a corte do Arce- bispo de Salzburgo, o mesmo lhe disse as maiores imperti- nências e o Conde d'Arco jo- gou Mozart pela porta afora com um pontapé no ... (carta 178, Viena, 13 de junho de 1781).

Mozart se libertou do servi-ço do arcebispo para se tornar free lance, ensinando tocando e compondo. Mas o free lance sofria, como sofre até hoje, o mesmo tipo de repressão e dis- criminação, só que numa esca- la maior, a de toda a sociedade.

Nessa nova situação de libe- rde aparente, a luta contra o desprezo e a indiferença dos poderosos continua a mesma.

(Mozart) ... Não poderei con- seguir sobreviver sem ter alu- lho para o qual não nasci. Aqui tenho disso a prova viva. Pode-ria ter tido dois alunos. Fui três vezes na casa de um deles e ele não estava. Não voltei mais.

(carta 106, a seu pai — Ma- nheim, fevereiro de 1778).

A comparar-se com a expe-riência que tive eu própria:

Brasília — Asa Sul — De- pois de muito solicitada, acei- tei dar aulas particulares de flauta a um Senhor Deputado Federal, na casa dele, isso con- tra todos meus principios. Foi combinado um pagamento mensal. Na quarta aula, não en-contrei esse senhor. Ele tinha

viado sem me avisar e nunca mais deu notícias... nem paga-mento.

(Mozart) ... Teria o execu- tante mais sorte que o profes- sor? ... Nessa primeira visita à Senhora de Chabot<sup>4</sup>, tinha ela me convidado a voltar dentro de oito dias! Cumpri o prome- tido e fui. Tive de esperar meia hora numa sala grande, gelada, sem calefação e sem lareira.

Até que enfim, a Senhora de Chabot chegou com a maior ci- vilidade e me pediu para me contentar com o piano que aí estava — já que nenhum outro estava em boas condições. Fa- lei que tocaria de muito boa vontade alguma coisa, mas, que no momento, era impossí- vel. Não sentia meus dedos de tão congelados — e pedi que me levasse pelo menos num cômodo onde tivesse uma la- reira. Oh, si monsieur, o Sr. tem razão, foi toda sua respon- ta. Ela sentou-se e começou a







gia, enquanto a habitação prolonga os mecanismos de controle térmico".

Mas as teorias que defendem o uso da roupa por reato ou para proteger a pele contra as condições climáticas parecem ter sido, atualmente, esquecidas. Hoje, privilegia-se a política do corpo. Observações mais avançadas evidenciam que a veste, muitas vezes, devassa e chama a atenção para determinadas partes do tronco. "o corpo é serial": a seda e o cetim amaciaram e iluminam respectivamente a pele; as cores aumentam ou diminuem volumes; as listas alargam ou alteram a estatura.

Ao final, tecidos e cores são responsáveis por essa ilusão. Isso tem sido comprovado não só nos dias de hoje, mas também, segundo Gilda de Mello e Souza, há bastante tempo: "A moda começa, realmente, quando, a partir do Século XIX, descobriu-se que as roupas poderiam ser usadas com um compromisso entre o exibi-

A constante "troca de pele", de roupa, começou no Renascimento, conforme indicam os historiadores, com o desenvolvimento das cidades e a organização das cortes que despertavam interesses pelos exuberantes trajes. A vida em áreas urbanas começa a desenrolar, sem dúvida, o desejo de competir e imitar.

Entretanto o ritmo acelerado, de constante mudança de roupa, ocorre na sociedade dos sentidos, festa do consumo, cujas raízes remontam à Revolução Industrial, e que modificaria profundamente a face da nossa sociedade, suas práticas sociais, hábitos e gostos. A racionalização do trabalho, mediada pela máquina, possibilitou a produção em série e a seguir o consumo em massa chega até nós sob a forma que se convencionou denominar consumismo.

A compulsão para o consumo do vestuário, como antecipando os costumes de hoje, se configura

cionismo e seu recalque (a modestia)... E se a roupa cobre conscientemente o corpo da mulher nem por isso "só" de acentuar-lhe as características sexuais... O ritmo erótico, portanto, que consiste em chamar a atenção sucessivamente para cada área corporal, mantendo o instinto sexual aceso, relaciona-se aqui, principalmente, com a parte que accentua e não com a que desnuda".

Gilda observa ainda que, "do mesmo modo que o esquema cromático, a fazenda pode ser utilizada para atrair a atenção sobre certas regiões do tronco, os materiais ásperos sendo empregados nas partes mais apagadas, os mais finos nas mais atraentes".

É o próprio corpo vestido, carregado de significado, que sugere estes traços de representação. No seu sentido mais amplo, corpo e vestes são apanhados em uma linguagem que oscila entre a manifestação e a camuflagem, que passa a enganar aquilo mesmo que a linguagem desvela. A transgressão é recuperada e explorada em benefício do consumo, que fragmenta a realidade e se esconde numa troca de prazeres ou de bens, fala Michel Certeau.



FERNANDO MADEIRA

com o processo de industrialização após a Segunda Grande Guerra; primeiramente, com o desenvolvimento da indústria de confecções consolidada a partir dos anos 50 e, segundo, com a estandardização da veste (jeans, tênis), para cristalizar-se finalmente nos anos 70.

Coincidemente, é também nas décadas de 70/80 que se observa o aumento das griffes, das confecções em geral e a sofisticação da publicidade na veiculação da retórica das imagens. Sem esquecer que o cenário show contínuo de estímulos no qual a moda, o design e os meios de comunicação de massa vendem mercadorias fetichizadas desvinculadas de suas funções primeiras, através de informações, discursos ligados ao **status** e à satisfação de desejos.

Produtos fetichizados e idéias, disseminados, no templo "pós-moderno", da sociedade teleinformática: formas, volumes, cores e neon requisitam todos os sentidos. O suporte utilizado é o corpo, portador de outra linguagem, com características pulsionais, emissor de sintomas que fazem ressaltar as emoções, lugar onde se dá a explosão dos sentidos.



FERNANDO MADEIRA

fazem a completação do mundo no qual vivemos. Os personagens narcisitas que co-habitam neste espaço, vivem uma moral hedonista, calcada nos valores do prazer de usar bens e consumir serviços.

Segundo Daniel Bell, a "cultura do consumo estímulula uma ética do hedonismo e corrói assim a disciplina industrial. O capitalismo avançado está em desenvolvimento consigo mesmo, na sua visão: necessita de consumidores que procurem satisfação imediata e não se esfogiam a si próprios, mas preparamos de atirar-se aos seus trabalhos, labutar por longas horas e seguir à risca as instruções".

Christopher Lasch commenta que "o ponto forte dos argumentos de Bell situa-se em sua compreensão do vínculo do capitalismo avançado com o consumismo, que muitos observadores atribuem meramente aos educadores e pais permissivos, à decadência moral e à omissão das autoridades".

O seu ponto frágil está na equiparação tão estreita entre consumismo e hedonismo. O estado de espírito promovido pelo consumis-

mo é melhor descrito como

um estado de desconforto e de ansiedade crônica. O lanceamento das mercadorias depende, como na moderna festa do corpo, corpo fragmentado, inventado graças a uma visão analítica, decomposto em lugares sucessivos do corpo, corpo fragmentado, cortes que despertavam interesses pelos exuberantes trajes. A vida em áreas urbanas começa a desenrolar, sem dúvida, o desejo de competir e imitar.

Entretanto o ritmo acelerado, de constante mudança de roupa, ocorre na sociedade dos sentidos, festa do consumo, cujas raízes remontam à Revolução Industrial, e que modificaria profundamente a face da nossa sociedade, suas práticas sociais, hábitos e gostos.

A racionalização do trabalho, mediada pela máquina, possibilitou a produção em série e a seguir o consumo em massa chega até nós sob a forma que se convencionou denominar consumismo.

A compulsão para o consumo do vestuário, como antecipando os costumes de hoje, se configura

uma espécie de evidência fantástica do consumo e da abundância, criada pela multiplicação dos objetos, de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele

também deve preferir, ou de cernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que

**Hermilo**

A Editora Mercado Aberto está programando para o próximo dia 15 o relançamento nacional do romance *Margem das Lembraças*, do pernambucano Hermilo Borba Filho. O livro é o primeiro volume da tetralogia *Um Cavaleiro da Segunda Decadência* onde o autor, misturando ficção e lembranças, dissecava a decadência da região canavieira de Pernambuco.

**Tropicalismo.**

O sociólogo-tropicalista-mineiro, professor da Universidade de Juiz de Fora, Gilberto Felisberto Vasconcelos, depois de botar em pratos limpos o programa de *Xuxa*, que chama de "cabaré infantil", volta suas baterias para o conterrâneo Itamar Franco. A tese *Itamar, o Predestinado*, explica os fenômenos que levaram o mineiro à Presidência. Quando o autor encontrar editor, vale a pena ler o trabalho.

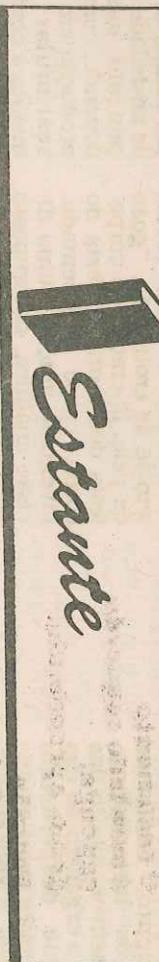
**Pixote**

Baseado em uma reportagem que fez sobre meninos de rua, o escritor José Louzeiro escreveu o romance *A Infância dos Mortos*, que terminou servindo de argumento para o filme *Pixote — A Lei do Mais Fraco*, do cineasta Hector Babenco. Fernando Ramos da Silva, que protagonizou o filme, acabou envolvido na roda-viva daqueles que inspiraram Louzeiro. Agora, o autor volta a reportagem para contar a história de Fernando. O livro *Pixote — A Lei do Mais Forte*, lançado pela Editora Civilização Brasileira, procura resgatar a comoção e a revolta geradas pelo episódio.

**Plebiscito**

Para quem quiser entender o que se esconde por trás de toda a propaganda eleitoral que envolve o plebiscito marcado para o dia 21 de abril, o deputado e jornalista Alvaro Pereira condensou num único volume os argumentos e teorias sobre forma de governo. O resultado está no livro *Cará e Coroa*, editado pela Editora Globo, lançado em Brasília no último dia 03.

# Estante



**Sarney.** O autor conta a história dos golpes recentes sofridos pela república brasileira, reunindo a mais extensa bibliografia sobre o assunto em um único volume. A renúncia de Jânio dá inicio a uma sucessão de golpes ate o movimento pró-Sarney, depois da morte de Tancredo Neves. O lançamento é da Editora Best-Seller.

**Cidadania**  
Em meio à "guerra" parlamentarismo x presidencialismo, o escritor Jó de Araújo, lançou no último dia 3, no Salão Nobre do Senado, o seu livro **Parlamentarismo — A Hora e a Vez da Cidadania**, publicado pela Editora Vozes. Já quase certo que os presidencialistas reagirão nos próximos dias com novos lançamentos em defesa de suas idéias.

**Tiradentes**  
Um fato obscuro da História do Brasil ha muito inquietava o romancista Assis Brasil. Tiradentes fora substituído por outra pessoa no instante em que ia para a forca. A confissão será esclarecida no romance **Tiradentes**, que será lançado brevemente pela Editora Imago.

**Questão moral**  
Um grupo de livreiros da cidade está indo à forca. Eles garantem que irão colocar placas em suas livrarias alegando questões morais para não venderem o livro explosivo do ex-posita voz Claudio Humberto.

**Associação**  
A Diretoria da Associação Nacional de Livrarias eleita para o biênio 1993/95 tem participação de Brasília. O livreiro Ivan Silva.

**Aparecido**  
O escritor mineiro-candango Alan Viggiano recebeu do embaixador brasileiro em Portugal, José Aparecido de Oliveira, uma missão árdua e, paradoxalmente, doce. A consolidação de uma fundação cultural em Conceição do Mato Dentro (MG), terra de Aparecido. A inauguração já está marcada para o dia 23 de junho e contará com as presenças dos presidentes Itamar Franco e Mário Soares.

**INSÓLITO**  
Caminho velejo, sonho...

**Cavalgô**  
vôo canso.

**Busco,**  
confusa

**Mil faces**  
se amarram

**trapaçau**  
passam

**divago,**  
devora-n

**porém,**  
tropeço:

**encontre**

**Ávida,**  
in

**devora-n**  
beja-flor

**rola.**

**Bolas!**

**trapejado**  
almejo:

**vejo.**

**Beija,**  
a m a,

**suga,**

**proclama**

**Anseio,**

**dellro,**

**temo:**

**atropelo**

**Pap,**

**insólita,**

**só,**

**engaiolad**

**Agora,**

**d' trégu**

**Liberta e**

**eu mesm**

**de mim.**

**Sirlei Ma**



# Resenha

**SAO — Segundo a Vida**  
são do Pássaro — por  
Delermando Vieira. O  
autor é um dos bons  
poetas da meia-estação  
goiana, com poemas  
embebidos de esoteris-  
mo, de boa ourivesaria  
literária. O autor tem si-  
no, um dos momentos  
mais expressivos da ci-  
nematografia do conti-  
nente. Revista Cultura  
n.º 6. Outubro de 1992.

**JOÃO SEVERIANO**  
— Biografia pelo gene-  
ral-médico Alberto Mar-  
tins da Silva, João Seve-  
riano da Fonseca, pa-  
trônio dos médicos mil-  
tares, era irmão do fun-  
dador da República, De-  
odoro da Fonseca. Lu-  
tu na guerra do Para-  
guai e era excelente ob-  
servador, deixando o li-  
vro "Viagem ao Redor  
do Brasil", de  
1875-1878, sem dúvida  
um clássico no gênero  
Ed. Bibliex — Rio de Ja-  
neiro, 1989.

**Brasília, m-**

**INSÓLITA**

Caminho,  
velho,  
sonho...  
Cavalo,  
vôo  
cano.

Busco,  
confusa  
me perco.  
Divago,  
ando,  
tropeço:  
encontro você.  
Ávida, imploro,  
devora-me  
porém,  
somente por fora.

Mil faces  
se anam,  
trapaçam,  
passam adiante  
de mim.

Bolas!  
Traquejo,  
dormo,  
almejo:  
te vejo.  
Beija,  
a ma,  
suga,  
proclama amor  
atropelado você.  
Anseio,  
deliro,  
temo:  
Paro,  
insólita,  
só,  
engaiolada.

Álico,  
não sabe ir além,  
beija-flor insaciável  
rola.

Bolas!  
Traquejo,  
dormo,  
almejo:  
te vejo.  
Beija,  
a ma,  
suga,  
proclama amor  
atropelado você.  
Anseio,  
deliro,  
temo:  
Paro,  
insólita,  
só,  
engaiolada.

Álico,  
não sabe ir além,  
beija-flor insaciável  
rola.

Bolas!

**COLOCAÇÃO**

O casamento  
é meu lado esquerdo  
capenga,  
gome, aprendendo.

Ser mãe  
é meu lado de cima,  
antes de tudo.

Ser mulher  
está na parte de baixo,  
que tem amarras  
e contém todos os outros lados.

^ Maria Abadia Silva

**P**

**O**

**E**

**A**

**T**

**I**

**S**

**Prazer**  
Detesto  
arrumar a cama.

**Gosto**  
de vê-la desarrumada,  
desamparada,

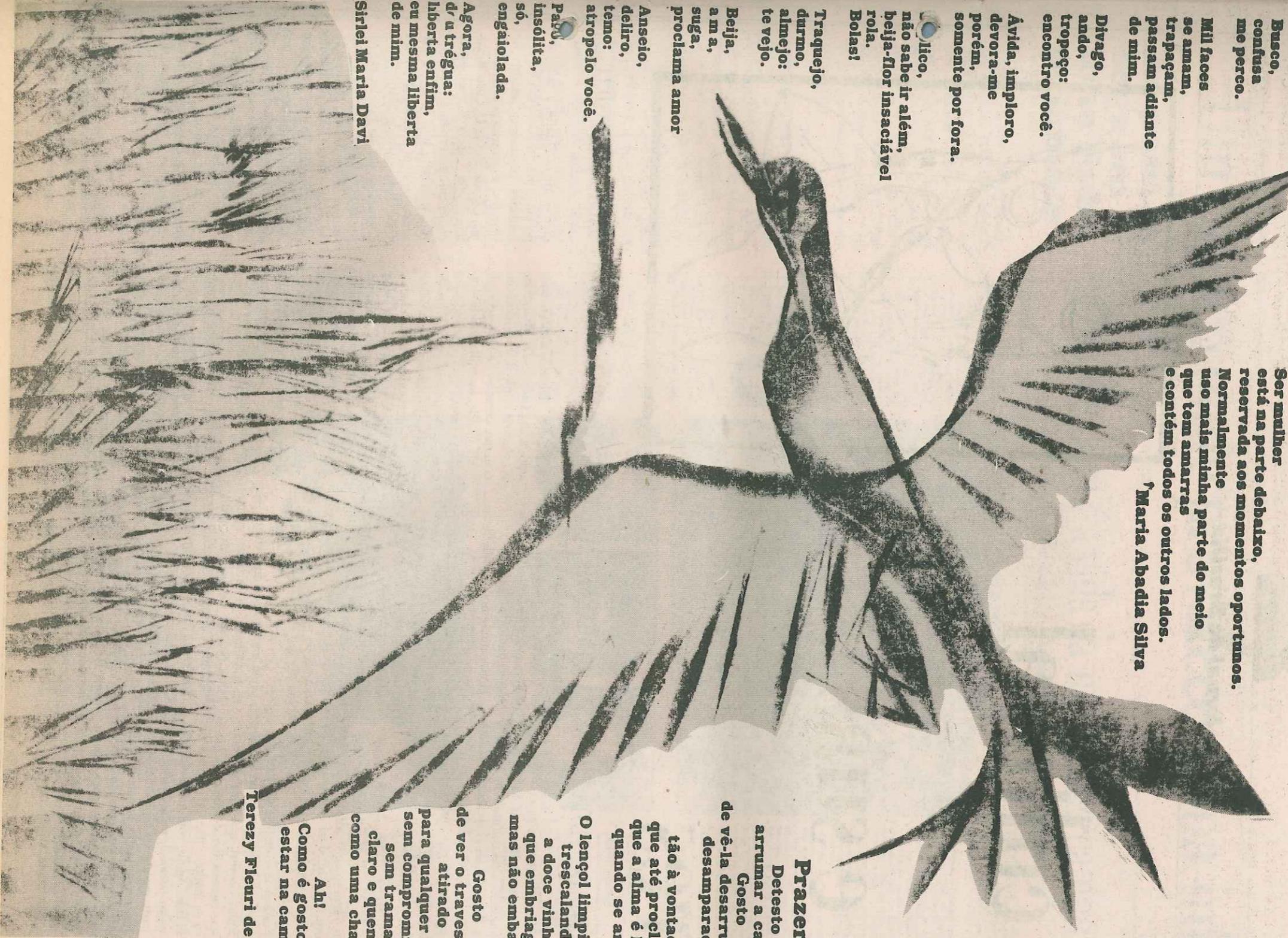
tão à vontade,  
que até proclama  
que a alma é livre  
quando se ama.

**Gosto**  
de ver o travesseiro  
atirado  
para qualquer lado,  
sem compromisso,  
sem trama,  
claro e quente  
como uma chama.

**Gosto**  
de ver o travesseiro  
atirado  
para qualquer lado,  
sem compromisso,  
sem trama,  
claro e quente  
como uma chama.

**Ah!**  
Como é gostoso  
estar na cama!

Terezy Fleuri de Gódoi



O Festival de Cinema merece mais respeito.

*Jornal de Brasília*

Fellini faria aqui “Cidade das Mulheres”

# A vida cultural do DF e suas mulheres

NESTE ARTIGO, A JORNALISTA CONTESTA A IMPRENSA DO RIO E SÃO PAULO E MOSTRA ONDE PULSA O CORAÇÃO DE BRASÍLIA.

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

**Q**uando os repórteres das Editorias de Cultura dos jornais brasilienses vão ao Rio (ou São Paulo) cobrir eventos de alcance nacional, costumam ouvir perguntas do tipo: “O que vocês fazem em Brasília? Há vida cultural por lá?” Aqui, só ouvimos falar das (mais) ações dos políticos no Congresso Nacional, na Esplanada dos Ministérios, nos Palácios do Planalto e Alvorada\*. É um custo conveniente de que há outra Brasília fora do conjunto arquitetônico que Niemeyer incrustou na parte baixa do Eixo Monumental. Há uma Brasília que pulsa na UnB, no Teatro Nacional, no cinema da Cultura Inglesa e da Embaixada da França, no Teatro Dulcina, no Conjunto Cultural da CEF, nos clubes da AABB e AABR, no Cine Brasília, no Beirute e no Estação 109. Há, ainda, cidades-satélites que derramam vida civil, embora carecam de serviços de infraestrutura em suas periferias.

Não adianta tentar convencer os colegas do Rio e de São Paulo de que há vida cultural em Brasília. Para eles, a cidade é sinônimo de falcatura de políticos, não tem esquinas, não tem cor. Só o verde da grama (na época das águas) e o cinza dos prédios. Na seca, tudo se resume ao cinza.

**Festival** — O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que este ano teria sua 26ª edição, é o único evento cultural da cidade que — ainda — mobiliza a imprensa cultural brasileira. Mesmo sendo o Festival mais antigo do País (foi criado em 1965, por Paulo Emílio Salles Gomes), não goza da fama que merece. É visto como um híbrido entre o cinema da França e o cinema da Alemanha, que é o que é.

**Não importa** que aqui vivam — e trabalhem — artistas como Athos Bulcão, Glênio Bianchetti, Vladimir Carvalho, Geraldo Moreira, Pedro Jorge, os compositores Clodo, Clésio e Clímerio, a família Ernest Dias com suas flautas e violões; Jorge Antunes e Guilherme Vaz, com sua música contemporânea; Hugo Rodas, com seu teatro inovador. A imagem da cidade pertence aos políticos. E só a eles.

**Mulher** — Se Fellini conheces-

xar Cláudia Raia, nos tempos em que era musa de Collor, em maus lençóis, Bantada em vias.

Houve um tempo em que Brasília ganhou espaço na mídia. Daqui saíram bandas de rock como Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude, Detrito Federal, entre outras. Com o boom do pop brasileiro, a cidade passou a ser citada como uma das matrizes do novo som que invadiu o rádio. A onda passou e Brasília voltou a ser — apenas — o celeiro (ou abrigo) de políticos “corruptos”.

**Não importa** que aqui vivam — e trabalhem — artistas como

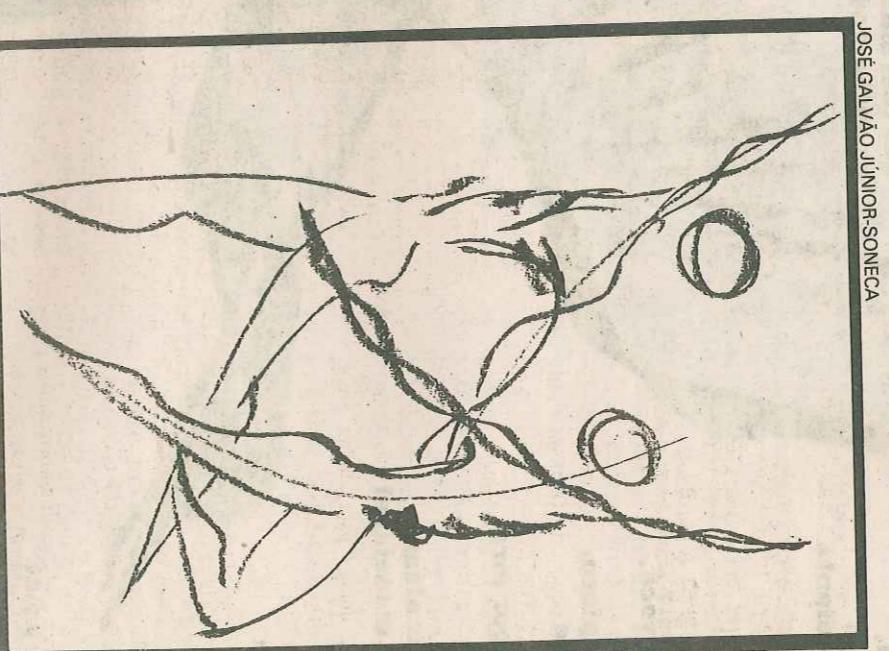
athos Bulcão, Glênio Bianchetti, Vladimir Carvalho, Geraldo Moreira, Pedro Jorge, os compositores Clodo, Clésio e Clímerio, a família Ernest Dias com suas flautas e violões; Jorge Antunes e Guilherme Vaz, com sua música contemporânea; Hugo Rodas, com seu teatro inovador. A imagem da cidade pertence aos políticos. E só a eles.

**Mulher** — Se Fellini conheces-

se Brasília, de certo ambientaria, aqui, a sua Cidade das Mulheres. E aplacaria muito do tom grotesco com que desenhou o filme. Afinal, nesta cidade, as mulheres desempenham papel de relevo. Mesmo que sejam poucas nos postos de comando na Esplanada dos Ministérios e nunca tenham comandado o Planalto. Mesmo que ainda sejam minoria no Congresso Nacional.

Mesmo assim, elas estão na linha de frente na imprensa (nas redações, o número de repórteres do sexo feminino cresce cada vez mais), nos teatros, nos agito culturais, na busca enfim de uma imagem mais humana para Brasília.

**Por** isto, vale lembrar algumas mulheres que fazem o dia-a-dia desta cidade: Márcia Kubitschek, a vice-governadora; Lúcia Carvalho, Maria de Lourdes Abadia e Rose Mary Miranda, deputadas distritais; Maria Laura, deputada federal; Maninha e Erika Kokai, presidentes dos Sindicatos dos Médicos e Bancários, respectiva-



JOSÉ GALVÃO JÚNIOR-SONECA

mente; Maria Duarte, a mais importante pesquisadora das especificidades candangas (autora do livro-tese *Educação pela Arte Natura*); Lydia Garcia e seus agitos com a cultura afro-brasileira; Cristina Roberto e seus aprontos (primeiro no Bom Demais, depois no Café Belas Artes); Maria Luíza Dornas, titular da Fundação Cultural; Bêbê Bahia e o cinema alternativo; Myreia Soares, Marlene Líbano e Ana Costa, postulantes por um feminismo novo e enriquecedor. Marilena Chiarelli, Teresa Cruvinel, Antonieta Goulart, no jornalismo. Norma Lilia; Lúcia Toller e Asta Rose Alcaide, no campo da dança e da ópera. Leda Watson, na gravura; Eliane Carneiro, Yara Pietriowski, Johane Madsen, nas Artes Cênicas. Elas são tantas...

\*Repórter do Caderno 2, do Jornal de Brasília. Mineira do Coronel, 37, anos, há 23 em Brasília. Adora a cidade.

“Elas” — Com u  
pessoas  
com o  
edição  
Página  
Brasil

Com uma equipe formada por 14 pessoas, *Mulher* circula aos sábados com oito páginas. Sua primeira edição saiu no dia 20 de abril de 1991.

# Um es...

## As pautas seguem uma linha nolâmica

Sempre em busca da boa informação, o caderno MULHER do CORREIO BRAZILIENSE já nasceu maduro rompendo em sua concepção, com a tradição de mais de um século de jornalismo feminino no Brasil. Surgiu rejeitando aquela coisa velha e preconceituosa que se traduz no jargão “de mulher para mulher”. Foi assim que nasceu o projeto da jornalista

Quentes e polêmicos, os assuntos são tratados não são privilégios apenas das mulheres. Para circular aos sábados, com suas oito páginas, as pautas são democraticamente discutidas nas tardes de quinta-feira. E preocupam-se, sobretudo, com a boa informação. Assim, assuntos que, em princípio, seriam de interesse exclusivamente feminino ganham a atenção de todos. A maior parte dos leitores é de classe média alta e compõem-se tanto de mulheres quanto de homens. "A proporção, acreditamos, é meio a meio" — ressalta Lourenço Frágua, subeditor.

Com o jornalismo solto, competente e profissional, MULHER também corre atrás dos furos jornalísticos. Com o sugestivo título de "Nanoro à Mineira", suas páginas revelaram para o País a primeira namorada, Lisle Lucena. Números depois, a foto de capa foi o próprio presidente Itamar Franco. O título, maliciosamente feminino, era "Ele sem Ela".

Se as capas têm o seu charme e apelos próprios, as demais seções do MULHER encarregam-se de trazer uma miscelânea de informações, para

# Brasil onde prevalece a boa indústria

AGRICULTURE

todos os gostos. Notas, crônicas, culinária, moda, medicina, política e en-

trevisitas, tudo ali concorre para uma leitura aprazível.

O caderno MULHER oferece toda uma variedade de informações em bem planejadas seções. Familiarize-se com elas:

**Maria** — E uma coluna de notas que difere das antigas colunas sociais, posto que o que ali se publica é sempre de interesse da comunidade e nunca produto do “lobby” das sociedades locais. É claro que nem por isso deixam de frequentá-la rostos bonitos.

**Mil e Uma** — Um espaço reservado à literatura. Contos e crônicas fazem deleite dos leitores.

**Memórias** — O nome já diz tudo. É aqui que reencontramos as velhas personagens que, vivendo no ostracismo, marcaram época na vida da cidade ou

do País.

**Malícias** — Quem não gosta de ficar conhecendo alguns velhos e novos truques de como retocar a maquiagem ou esconder a primeira ruga?

**Tradição** — Atualmente, poucos jornais brasileiros dedicam um ceder no a temas que, em tese, seriam de interesse exclusivo da mulher. Ao fazê-lo, o *CB*, com o projeto da jornalista

Liana Sabo, autora a modernidade o que existe de mais tradicional no jornalismo feminino brasileiro.

Na história do jornalismo feminino no Brasil, o primeiro jornal de que se tem notícia surge, em 1827, com essas

Diamantino", do Rio de Janeiro, "é um periódico de política, literatura, belas-artes, teatro e moda dedicado às senhoras brasileiras". É o que nos relata o jornalista e escritor Gondin Fonseca, no seu livro "Biografia do Jornalismo Carioca".

A modernidade fica por conta de um bem cuidado projeto gráfico que abriga boas fotos e textos leves. E tudo isso você encontra no "MULHER" do

Mulher publica toda uma variedade de imagens em bem planejadas secções. A "Mil e Uma", por exemplo é dedicada à literatura

Mulher publica toda uma variedade de informações em bem planejadas seções. A "Mil e Uma", por exemplo, é dedicada à literatura

6

# Lúcia Carvalho faz lei contra a "Cantada"

Os conquistadores que se cuidem: foi aprovada e está em vigor a "Lei da Cantada", que reprime com severidade o assédio sexual e abusos que constriangiam as mulheres no ambiente de trabalho. De autoria da deputada Lúcia Carvalho, que a apresentou depois de ver chegar ao seu gabinete, na Câmara, seguidas queixas de mulheres ameaçadas de mulheres ameaçadas de perder oportunidades ou até mesmo o próprio emprego, em função da não permisão de "patrões" para com seus

leiros jeitinho brasileiro para escapar aos problemas e a incurável iniciação pela "cantada", entre outros atritos, constituem a base sobre a qual se consolidou o conceito da assim chamada indole nação, favorável pelo charme da latinidade, o brasileiro atropela a ética, as regras de convivência social, os mais básicos princípios da urbanidade para praticar seu logo favorito: o da sedução, sem preocupar-se se tal atitude é lícita, desejada ou mesmo correspondida.

Só este ano, de janeiro até agora, a Delegacia da Mulher já recebeu dez denúncias de constrangimento sexual, discriminação e assédio, práticas consideradas crimes e crimes e agressões, mudam com a entrada em vigor da Lei nº 417, publicada no Diário Oficial do DF no último dia 3 deste mês.

A deputada Lúcia Carvalho, ao justificar a sua iniciativa, disse ter verificado, no dia-a-dia, a violação de normas essenciais no que se refere ao respeito à condição feminina. Isso apesar de a Constituição assegurar de forma cristalina, direitos iguais a homens e mulheres e estabelecer normas de proteção ao mercado de trabalho da mulher, assegurando, assim, os direitos da família. De acordo com a deputada, não são poucos os casos em que são exigidos pré-requisitos para admissão em empregos, ou a condição de a mulher não estar grávida, ser mãe, ou casada. A condição de mãe é de mulher grávida, não raro é, também, critério para a dispensa da mulher, segundo observa a deputada. A "Lei da Cantada", promulgada pelo presidente da Câmara Legislativa, institui penas multas para aqueles que transgredi-

la. Ou seja, pune exatamente onde as pessoas costumam ser mais sensíveis: no bolso.

A presidente do Sindicato das Secretárias, Maria Normélia Alves Nogueira, disse que nos últimos dois anos a entidade recebeu apenas duas denúncias de assédio sexual. Ela justifica o baixo índice em função da profissionalização da categoria, já que o Sindicato da categoria, existe há cinco anos, tem investido em campanhas que visam a desmotivação dessa prática. Com a nova lei, ela acredita que as coisas vão melhorar.

As penalidades aplicadas a atos discriminatórios contra as mulheres, no âmbito do DF, serão aplicadas a todo estabelecimento comercial, industrial, entidades, representações, associações ou sociedades civis, caso elas adotem atos de coação ou violência. Como um dos exemplos dessa prática, a lei cita a exigência ou tentativa de vantagem sexual da mulher por parte do patrão ou preposto, mediante ameaça de rescisão contratual.

Inclui-se, entre outros atos atentatórios ao direito da mulher ao trabalho, a violência moral e física: a revista na entrada ou saída de órgãos, instituições ou estabelecimentos comerciais ou industriais, prática comum verificada em várias lojas do DF. E, ainda, exigência ou solicitação de comprovação de esterilização ou de exame ginecológico periódico.

Apesar dos avanços conquistados pela mulher, resultado de lutas históricas pela igualdade de condições no mercado de trabalho, ainda é comum a ocorrência de discriminação de tratamento a mulheres casadas ou mães nos processos de admissão, treinamento, rescisão de contratos ou permanência no emprego, o que também será passível de punição.

Processo administrativo a ser instaurado da administração pública vai apurar o descumprimento da lei. Além da advertência por escrito, está prevista multa de 10 a mil UPDF e, ainda, inabilitação para créditos de instituições financeiras e oficiais do DF e suspensão temporária da inscrição estadual.

As três representantes do povo de Brasília na Câmara Legislativa, demonstrando dois anos de atuação, apresentaram projetos combatendo as injustiças que ainda realiza com as famosas cantadas, da violência masculina à falta de um planejamento. Elas lutam por elas.

**Maiza Valério/Donalva Caixas**

Da Comunicação Social



Lúcia Carvalho, do PT



Rose Miranda, do PP

## Rose Miranda enfrente

Longe de ver respeitados os direitos que levou anos para conquistar, a mulher, em pleno século XX, ainda apanha do homem por motivos fúteis: as vezes por ter se esquecido de preparar os chinéis do marido ou simplesmente sob a acusação de ser "saliente". Segundo dados colhidos na Delegacia da Mulher, só este ano já foram registradas 400 ocorrências de lesões corporais e ameaças provenientes dos maridos ou companheiros. O quadro já revela-se assustador, em comparação a 1992, quando não tem a mínima condição de retornar a seu lar e encarar o responsável pelos atos violentos. Diante disso, ela julga bastante oportuno que, nesses casos, ela tenha o acesso a mecanismos sociais que ga-

"Verifique, no dia-a-dia, a violência de normas no que se refere à condição feminina", Lúcia Carvalho

no sentido de não deixar que as agressões fiquem impunes. Elas procuram a delegacia, registram a queixa mas, muitas vezes, voltam para retirá-la, pois quando regressam a suas casas chegam até mesmo a ser ameaçadas de morte pelo agressor. E foi pensando nisso que a deputada Rose Mary Miranda (PP) apresentou o Projeto de Lei 297/91, que autoriza o Executivo a criar abrigos para mulheres vítimas de violência, em tramitação na Câmara Legislativa.

Os abrigos, propostos por Rose Mary, serão destinados a proteger tanto as mulheres vítimas de violência, quanto seus filhos e dependentes. A iniciativa foi aplaudida pela delegada Déborah, que,

que a mulher de hoje já está mais conscientizada.

que improvisar um lugar na delegacia para abrigar uma das vítimas da violência masculina que não tinha para onde ir. Déborah revelou que nas diversas palestras das quais participa constantemente nas comunidades, tem sido insistentes as reivindicações nesse sentido.

"Muitas vezes a mulher apanha e fica em ter para onde ir", observa a delegada, acrescentando que, após ocorrências desse tipo a mulher fica arrasada e não tem a mínima condição de retornar a seu lar e encarar o responsável pelos atos violentos. Diante disso, ela julga bastante oportuno que, nesses casos, ela tenha o acesso a mecanismos sociais que ga-

ram a oficina de desenho e pintura, que os já presentes podem público noturno", que é de 10h à 14h. Minha

caixa

# Batem injustiças

## Abadia defende o planejamento da família

incontrando claramente suas preocupações com os problemas sociais, em um planejamento que evite a gravidez indesejada, nada foi esquecido.

**Alcides Alvalva, Caiçeta e Marinho**



### Abadia enfrenta a violência

Wantam a preservação de seus direitos como propõe a deputada Rose, inclusive com o acesso ao apoio psicológico e social, conforme a proposta.

A deputada acredita que a sua iniciativa vai ampliar a eficácia dos serviços já prestados pelo poder público nessa área. Só no ano em que apresentou o projeto, 1991, dados oficiais divulgados pela deputada apontavam o registro de mais de mil e 300 casos de agressão a mulher, prática que, em 90 por cento dos casos, ocorre na residência da vítima. "Após a denúncia e o respectivo registro, a mulher, muitas delas, sem condições financeiras, fica sem ter um lugar seguro para abrigar-se", justificou Rose.

Wantam a preservação de seus direitos como propõe a deputada Rose, inclusive com o acesso ao apoio psicológico e social, conforme a proposta.

A deputada acredita que a sua iniciativa vai ampliar

a eficácia dos serviços já prestados pelo poder público nessa área. Só no ano

em que apresentou o projeto,

existente desde 1987 e atualmente sentido de oferecer total apoio às mulheres que se sentirem atingidas em seus direitos fundamentais. As investigadoras recebem as denúncias, ouvem as partes para, então, iniciar as investigações, mas muitas vezes esse trabalho é dificultado pelo fato de os maridos ou companheiros, sob ameaças, obrigar as suas vítimas a retirar a queixa. Isso, praticamente, inviabiliza as investigações.

As mudanças sociais promovidas em benefício da mulher e a conquista de direitos legais que buscam a igualdade de condições e a ampliação de sua área de atuação, parecem ainda não terem sido assimiladas

pelo chamado "sexo forte" que não escolhe classe social para extravar sua violência. As denúncias que chegam à Delegacia da Mulher, de acordo com Déborah Meneses, envolvem pessoas de todos os níveis sociais, contrariando a ideia daqueles que pensam que apenas nas classes de menor poder aquisitivo ocorrem atos desse tipo. As denúncias partem desde as satélites mais distantes, até bairros tidos como nobres, como Plano Piloto e Lago Sul e Norte, salienta a delegada.

O projeto da deputada Rose atribui ao Executivo a responsabilidade pela doação da infra-estrutura necessária ao funcionamento dos abrigos.

"Acredito que a lei que apresentei sirva para acabar com o aborto clandestino", declarou Maria de Lourdes Abadia.

A nova lei, que levou o número 331/92, assegura a mulher assistência integral à saúde, em ações de caráter preventivo e curativo, relacionadas à gestação, parto e pós-parto e assistência clínico-ginecológica, dentre outras dependências. A iniciativa de Maria de Lourdes vai ao encontro da política que vem sendo implantada pela Secretaria de Saúde, que já mantém programas exclusivamente direcionados à mulher, dentre os quais a "Sala da Mulher", em funcionamento há quatro meses nos Centros de Saúde da Rede Oficial.

Além disso, também são realizadas nos Centros de Saúde reuniões educativas semanais sobre saúde reprodutiva, onde são dadas todas as explicações sobre o processo de gravidez e mostrados os métodos contraceptivos disponíveis.

O projeto da deputada Rose atribui ao Executivo a responsabilidade pela doação da infra-estrutura necessária ao funcionamento dos abrigos.

Planejar o número de filhos que se quer ter parece tarefa fácil para as famílias na sociedade moderna. Mas os métodos contraceptivos não são acessíveis a todas as classes sociais, sendo que as de menor poder aquisitivo têm maior dificuldade de obter esclarecimentos nesse sentido. A orientação adequada quanto à relação ao sexo, vê-se obrigada a assumir uma gravidez indesejada. E foi essa preocupação que levou a deputada Maria de Lourdes Abadia (PSDB) a apresentar projeto, já transformado em lei, obrigatoriamente, através do Executivo, através da Rede Pública, a oferecer serviços para atendimento à saúde da mulher e assistência para planejamento familiar.

São vários os métodos anticoncepcionais existentes, sendo que alguns chegam até mesmo a ser desconhecidos pelas mulheres. Dentre os métodos naturais estão a histórica "tabelinha" (Ogino-Knaus), a prevenção através do controle do muco cervical (Billings) e o controle da temperatura basal. O método barreira engloba os preservativos, os diafragmas e os espermaticidas.

Existem, ainda, o DIU e o anticoncepcional hormonal, que é a pílula. Esta, por oferecer vários efeitos colaterais, deve ser bem selecionada e indicada pelo médico. Já a ligadura de trompas, outra opção, deve ter a sua indicação restrita.

A nova lei, que levou o número 331/92, assegura a mulher assistência integral à saúde, em ações de caráter preventivo e curativo, relacionadas à gestação, parto e pós-parto e assistência clínico-ginecológica, dentre outras dependências. A iniciativa de Maria de Lourdes vai ao encontro da política que vem sendo implantada pela Secretaria de Saúde, que já mantém programas exclusivamente direcionados à mulher, dentre os quais a "Sala da Mulher", em funcionamento há quatro meses nos Centros de Saúde da Rede Oficial.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de acordo com dados do ano passado, um por cento das mulheres utilizava método natural para evitar a gravidez, 21 por cento faziam uso do método barreira; 58 por cento tomavam a pílula; 11 por cento utilizavam o DIU e 8 por cento tinham feito a opção pela ligadura de trompas. Em 1992, foram realizados 37.556 partos em todo o DF. Desse total, 4.864 foram classificados como casos de inter-

César Paes Barbosa revelou que a política de saúde implantada na Secretaria nos últimos quatro anos,

através do Programa de Assistência e Reprodução Humana, garante a toda

mulher que recorrer ao Centro de Saúde de sua re-

gião, o acesso ao método escolhido para evitar a gravidez. Também são fornecidas informações

sobre as complicações ou efeitos colaterais resultan-

tes de cada um deles.

A lei originária do projeto da deputada tucana chega para expandir o alcance dessas iniciativas.

Veda, no entanto, a qualquer instituição a indução

ou repressão à decisão da mulher, ou do casal, de procriar ou evitar a procriação. A expectativa de Maria de Lourdes é que a lei destina do aborto, já que

estaria à disposição da mulher todos os meios científicos disponíveis na medicina para evitar a procriação, desde que sejam respeitadas a idade, a saúde, a religião e a vontade dos casais. Quando apresentou a proposição, a deputada pensou no cumprimento da Constituição, que prevê essas providências.

Em 1984, conforme es-

tudo feito pela Secretaria de Saúde, 50 por cento das mulheres em idade fértil tinham as trompas ligadas.

Hoje, segundo revelou César Paes, a realidade é outra, graças à ação da Secretaria, apesar de o resultado ainda não ser o ideal. A meta, segundo ele, é ampliar o universo de mulheres adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

mujeres utilizava método

natural para evitar a gravi-

de, também, um programa

especial de atendimento às

adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de

acordo com dados do ano

passado, um por cento das

# De Homem para Mulher

Eles falam sobre elas. Cada um a seu estilo, com sua própria visão, a seu modo, falam da mulher, da importância do seu papel na sociedade, lembram e condenam as discriminações e os preconceitos.

**Todos são unâimes em homenageá-las.**

Considero a mulher o esteio da família e da sociedade. É sob a inspiração da mulher que os homens trabalham, agem e decidem. Nada mais justo que mais espaços sejam abertos à mulher e que a homenagem pelo seu dia, que, no meu entendimento, são todos os dias do ano. Deputado Araldo Satake, do PP



Considero a mulher o esteio da família e da sociedade. É sob a inspiração da mulher que os homens trabalham, agem e decidem. Nada mais justo que mais espaços sejam abertos à mulher e que a homenagem pelo seu dia, que, no meu entendimento, são todos os dias do ano. Deputado Araldo Satake, do PP

Admirei e acredi-  
to cada dia  
mais na capaci-  
dade e contribui-  
ção da mulher,  
atual, participan-  
te e moderna pa-  
ra nossa socieda-  
de. Faço questão  
como presidente do Legislativo lo-  
cal de prestigiá-las, para tanto os  
avanços desta casa superam até os  
do Congresso Nacional pois, as  
três Deputadas, únicas mulheres  
entre os 24 Deputados, ocupam  
postos-chave dentro do Legislati-  
vo do DF. Deputado Benício Ta-  
vares, do PP.

Este é um dia es-  
pecial para se pres-  
tar homenagens às  
mulheres. Na ver-  
dade, simboliza a  
luta, que devemos  
travar todos os  
dias contra as pro-  
fundas discrimina-  
ções e violências  
que lhes são come-  
tidas. Dediquei e dedico minha vida a  
lutar por uma sociedade justa e frater-  
nal, onde as mulheres tenham um pa-  
pel de destaque. Um mundo mais fe-  
minino, sem dúvida alguma, seria me-  
lhor que o atual. Deputado Carlos Al-  
berto, do PPS.

No início deste ano,  
todo mundo ficou  
perplexo ante a bar-  
bárie da guerra civil  
inglesa, que subme-  
teu milhares de mu-  
lheres não só ao es-  
tupro, mas também as  
cirurgias que mutilam  
parte dos órgãos geni-  
tais. Ao lembrarmos  
este fato, tão recente  
e tão cruel, queremos  
exatamente destacar que embora as mul-  
heres ocupem relevantes postos públicos e  
trabalho, a humanidade ainda convive com  
práticas odiosas de opressão. Deputado Ge-  
raldo Magela, do PT.

"Mais do que um dia de comemoração,  
este é um dia de refle-  
xão. Apesar das imi-  
nexas transformações  
sociais, que permiti-  
ram à mulher galgar  
um espaço justo na  
sociedade, ainda es-  
mos necessitando de  
medidas para que es-  
sa igualdade de direi-  
tos venha a ocorrer na  
plenitude, principalmente levando-se em  
consideração a realidade nacional, onde os  
desníveis sociais são profundos. Com isso, a  
mulher passa a ser a parte frágil da relação  
social. Muito já foi feito, mas existe muito  
ainda por fazer. Não é uma luta só das mu-  
lheres, mas de toda a sociedade". Deputado  
Cláudio Monteiro, do PDT.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

"Apesar das  
conquistas dos  
últimos anos, as  
mulheres ainda  
sofrem a opres-  
são da desigual-  
dade que lhe  
tem sido histori-  
camente impo-  
sita. O dia 8 de março, mais do que  
um símbolo, representa um alerta  
que a luta pela conquista da  
plena cidadania deve continuar,

com a participação de todos nós,  
que a questão da mulher passa,  
inevitavelmente, pela questão da  
democracia, que pressupõe uma  
sociedade igualitária e justa". De-  
putado Edimar Pireneus, do PP

Em comemo-  
ração ao Dia In-  
ternacional da  
Mulher, o Depu-  
tado Jorge  
Cauhy lembra  
que a presença  
da mulher brasi-  
leira confunde-  
se com a evolução histórica de  
nossa País, principalmente na for-  
mulação de nossos conceitos mor-  
ais, da nossa ética e, racima de tu-  
do, participe fundamental da nos-  
sa economia na guerra incessante  
contra o aviltamento dos nossos  
salários e a disparada dos preços.

Deputado Jorge Cauhy, do PL

"Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

"Apesar das  
conquistas dos  
últimos anos, as  
mulheres ainda  
sofrem a opres-  
são da desigual-  
dade que lhe  
tem sido histori-  
camente impo-  
sita. O dia 8 de março, mais do que  
um símbolo, representa um alerta  
que a luta pela conquista da  
plena cidadania deve continuar,

com a participação de todos nós,  
que a questão da mulher passa,  
inevitavelmente, pela questão da  
democracia, que pressupõe uma  
sociedade igualitária e justa". De-  
putado Edimar Pireneus, do PP

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os avanços obtidos  
pelas mulheres  
brasileiras com a  
atual Constituição,  
a situação, na prá-  
tica, pouco mudou.

No Distrito Fede-  
ral, por exemplo, a  
grande parcela de desempregados é  
formada por mulheres. O estupro con-  
tinua liderando a lista de ocorrências  
políticas, além do que a Capital do País  
mantém um dos mais altos índices de  
mulheres esterilizadas por ligadura de  
trompas. Precisamos reverter esse

quadro! Deputado Agnelo Queiroz do  
PC do B

Apesar de todos  
os av

# SANTA DICA MULHER

Nos traços  
modernistas  
que a  
consagraram em  
22, Tarsila  
do Amaral  
retrata  
Santa Dica,  
in Misticismo  
e Loucura,  
de Osório César,  
S. Paulo, 1939



**ELEONORA  
ZICARI BRITO**

CEUB

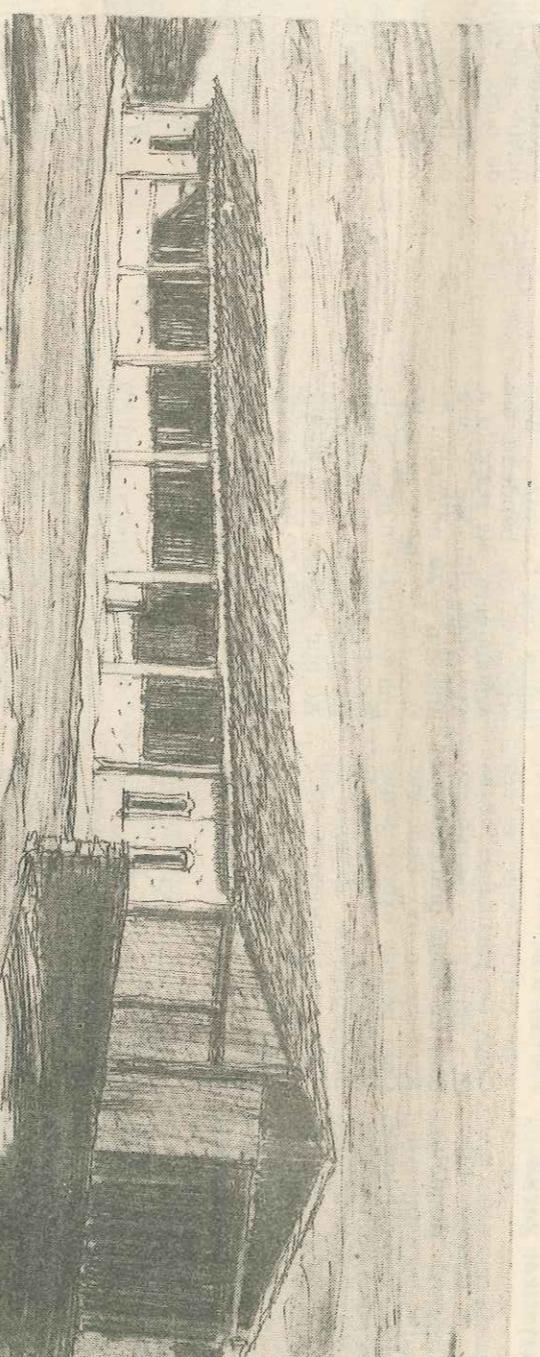
A personagem central da história que passamos a apresentar é Benedicta Cypriano Gomes, ou Santa Dica, como era mais conhecida essa mulher. Nos anos 20, Santa Dica formou e liderou uma comunidade religiosa em Lagolandia, povoado do Município de Pirenópolis. Comandou homens ao lado do Governo de Goiás - em 1925, contra a Coluna Prestes e, em 1932, contra os revoltosos paulistas. Sofreu enorme represália daqueles que sentiram-se ameaçados por essa cabloca de 18 anos, capaz de transgredir a normatização que a ordem social impunha. Em 14/10/25, a comunidade da Corte dos Anjos é invadida e metralhada pela força policial do Estado de Goiás que, cumprindo ordem de mandado de prisão contra Santa Dica e alguns de seus companheiros, ▶







exercidas por outras pessoas, podendo cair, entre outras, Herculano Flores, Diogenes Pereira, José Damasceno; Que, quando vai ficando em transe, isto é, quando della se vem apoderando esta espécie de invação de seu corpo e perda dos sentidos, ve, claramente, com os seus olhos abertos, uma varzea muito grande e limpa, onde pessoas do outro mundo se encontram chegando mesmo a verificar a presença, ali, de alguns conhecidos seus, já mortos, mas, nada ouve a não ser uma campanha que lhe sóa aos ouvidos, factos esses que são o prenúncio, como disse, do estado de morto ou mesmo de insensibilidade absoluta em que minutos depois, cahe e sob o qual dizem falar ella em nome dos espíritos causas de que, depois, em seu estado normal não tem ciencia; Que, de facto, tem sido procurada por vários doentes de molestias curáveis e incuráveis, na opinião dos médicos, mas que ella declarante não garante a nenhum delas a cura de suas molestias; Que esses doentes, apesar dessa sua declaração, se deixam ficar na "Lagôa", e por ocasião das conferências dela, declarante, pedem elas aos espíritos que ella encarna os remédios preciosos que são recitados pelos espíritos escrita as receitas por Alfredo dos Santos que depois as entregava aos doentes; Que não é verdade o facto de dizer-se que a população da "Lagôa", a obedece cegamente, pois, se assim fosse, não teria ella desobedecido as suas ordens por ocasião da chegada do contingente da Força Pública que alli foi efectuado uma diligencia, que hoje sabe ser a da sua prisão e de outras pessoas; Que as primeiras casas de telha dos romeiros edificadas na "Lagôa", foram as de Alfredo dos Santos, Firmino e Antonio da Silva Moreira; Que as pessoas (p.52.A) que vê na varzea a que se referiu têm um todo diferente das da Terra, pois são, de ordinario, bastante alvas e trajam-se de modo diverso dos deste Mundo; Que não aconselhava o não pagamento de impostos, anentes, esforçava-se para que todos os pagassem, estando mesmo resolvida a contribuir por aquelles que não o fizesssem e para esse fim já tinha em uma valize a importância de um conto e quinhentos mil reis; que esse dinheiro obteve vendendo seus animaes que possuía por lhe os haver dado sua avó materna, venda essa que fez ao seu proprio pae; Que estava na "Lagôa", quando lá chegou o contingente da Força Pública e rigr-se, sozinha, ao encontro dos primeiros seis membros dessa Força, mas que o povo que se achava na Lagoa a obstou, sempre, de realizar esse seu intento, pois, sabia que a procuravam e deseja entregarse, logo, à prisão; Que as pessoas a que



## Antigas fazendas do Planalto Central

LENA CASTELO BRANCO F. DE FREITAS

NANCY RIBEIRO DE ARAÚJO E SILVA

Em pesquisa que demandou mais de três mil quilômetros em viagens, as historiadoras resgatam os traços culturais e a tipologia de velhas fazendas do cerrado. Neste artigo entatizam-se as fazendas do planalto brasiliense, entre elas a de Sobradinho e a fazenda Larguinha em

Planaltina-DF.

de ir ao encontro dos emissários da Força, como ainda dispararam tiros contra esses mesmos emissários, quando resultou a resistência, digo, a ação da Força Pública, em virtude da qual se haviam a morrer seu tio José Cipriano Gomes e José Belo da Silva e outros cujo nome ignora; Que entre os individuos que mais desejavam resistir à Força Legal, estavam Honorio Lemos, mais conhecido por Honorino, Victor, Manuel Rosa e seu tio José Cipriano Gomes, sendo que deste ultimo chegou ella, declarante, a tomar o revolver que entregou a um velho, mas que José o retomou e lembra-se, também, de haver entre outros armas que tomou, tomando um revolver de Honório Lemos, que queria opor resistência à Força, revolver esse que entregou à mulher de Josquim dos Reis, não sabendo, porém, se Honório chegou a atirar contra a Força; Que houve um desforramento na pessoa da menor Anna, filha de Antonio da Silva e de dezoito dezenove annos de idade, na "Lagôa", dizendo o povo, em geral, que Jacyrino Cyriano Gomes, tio dela, declarante, é o autor desse crime; Que não exigia presentes nem dinheiro de

pessoa alguma na "Lagôa", mas que, expontaneamente, alguém, às vezes, a prezava com um corte de vestido ou outra causa e que na sua viagem para Goyaz o sr. Chico de Sa — coronel — lhe deu, em dinheiro, quinhentos mil reis, também expontaneamente (...) Em tempo

— Que depois da noite em que presumi ter sido deshonesta por Manuel José Torres, vulgo Coxeado, facto esse que ocorreu a uns dez dias, mais ou menos, não teve mais manifestação nenhuma daquelas phenomenos de que era possuida e não pode mais realizar suas conferencias e nem mais entrou naquelles tranzes (...) Em tempo — A declarante disse ainda que o facto a que acaba de se referir no tocante a sua virgindade, ocorreu quando ella estava dormindo e contra a sua vontade... "(p. 50-A a 53-B)

Destacamos dois momentos desse discurso de santa Dica de forma a corroborar um questionamento que iremos levantar.

Em determinado trecho de seu depoimento, santa Dica denuncia, com todas as palavras necessárias para se fazer compreender, ter sido vítima de um estupro. Que consequências traz essa revelação para o Processo?

### NOTAS

- (1) *Processo n.º 651, maio 9 — Cartório do Crime — Pirenópolis — Goiás.*  
(2) A citação é de Tertuliano, um dos Dou-tores da Igreja, e é encontrada em: *De cultu feminarum, em Corpus christianorum, serie latina, obra de Tertuliano*, I, p. 343. Citado por: Jean Delumeau — *op. cit.* — 36.
- (3) Gasté — *Michael Meister: en quelle famille? — La presse?... Caen, 1879, p. 24-25. Citedo por: Jean Delumeau — *op. cit.* — P. 321.*
- (4) Cf. Jean Delumeau — *op. cit.* — P. 321.
- (5) Idem, ibidem, p. 323 (gritos nossos).

- (6) O autor da citação é Udon. Abade de Cluny e foi extraído de: *Histoire de la femme*, II, Paris, 1966, p. 83. Citado por: Jean Delumeau — *op. cit.* — 318.
- (7) Spitzerhauer — *Poésie latine du Moyen Age (IX-XV siècle)*, Paris, 1971, p. 617/621. Citado por: Jean Delumeau — *op. cit.* — P. 326.
- (8) Cf. Michel Foucault — *A Arqueologia do Saber*, 3º ed. RJ, Forcense Universitária, 1987, p. 137.
- (9) As palavras são de Delumeau contendo trechos do *De planctu ecclesiasticis* (op. cit. p. 32).
- (10) Parent — *Auber — L'almuech des mystères de l'amour — conjugé et de l'infidélité du Mariage* — Paris, 1851, p. 38. Citação por: Thérèse Moreau — *op. cit.* — 38.
- (11) *Le dictionnaire des sciences médicales* (1858), verbete: "Confiance". Citado por: Thérèse Moreau — *op. cit.* — 40.
- (12) Sobre o discurso paranoico que buscou discreditar a mulher, ver: Preleção de Carlos Andrade Byngton in: "Preleção de Krauer — O Martelo das Feticheiras" — Rio de Janeiro, 1991.
- (13) Com relação à questão da locura feminina, comentar in: M. Clementina Pereira da Cunha, "Locura, Gênio e Saneamento: Mulheres do Juquey na São Paulo do Lúculo do Século XXX", in: M. São Martinho Brascane (org.) — *Revista Brasileira de História* — A Mulher no Espaço e no Tempo — vol. 9, n.º 16, SP, ANP/UFG, Marco Zero, 1999.
- (14) Cf. Michel Foucault — *História da Sexualidade* — A vontade de saber — vol. 1, 9º ed. RJ, Graal, 1988, p. 99.
- (15) Granta: a imagem da mulher higienizada. Comentário: Jurandir Freire Costa — *Ordem Médica e Norma Familiar* — 3º ed. RJ, Graal, 1983.
- \* ELEONORA ZICARI BRITO é professora da CEUB e mestra de História da Universidade de Brasília. Endereço para correspondência: SGN 402, Bloco K, Ap. 302 — Brasília-DF.

O projeto intitulado FAZENDAS GOIANAS-sao qual se reporta o presente texto teve início em 1987, com apoio da então Secretaria do Patrimônio Histórico e Arístico Nacional (SPHAN) e do CNPq. Tem por objetivos: contribuir para o conhecimento das fazendas antigas de Goiás e sua inserção no espaço geográfico e na paisagem local; resgatar a memória da arquitetura rural goiana e de suas técnicas construtivas; registrar a vida do homem na zona rural, bem como suas atividades econômicas e culturais, no período compreendido entre a "descoberta", das minas dos Goyazes (século XVIII) e a construção de Goiânia (ca. 1932).

A grande distância que separa Goiás do litoral, assim como as peculiaridades históricas do devassamento►

zes utilizando-se de materiais nobres — como as madeiras-de-lei — e revelando-se dotada de natural engenhosidade.

Quanto à localização das sedes, predominavam às preoccupações com a proximidade da água, com a segurança e com a salubridade, variando a posição das edificações segundo a topografia do terreno.

A maior ou menor facilidade de acesso a caminhos e estradas determinava a possibilidade de intercâmbio regular com a cidade ou vila próxima.

Constatou-se serem extremamente rústicas as fazendas mais isoladas, nas quais inexiste a utilização de materiais industrializadas, ainda que a nível elementar.

De igual modo, a observação **in loco** indicou influências das características regionais — de São Paulo ou Minas Gerais — sobre os padrões arquitetônicos e a distribuição das diversas edificações, sempre de acordo com a procedência dos fundadores das fazendas.

### Tipologia.

A partir de tais constatações, e tendo como pano de fundo a história regional, tornou-se possível esboçar uma tipologia preliminar das fazendas antigas de Goiás, a saber:

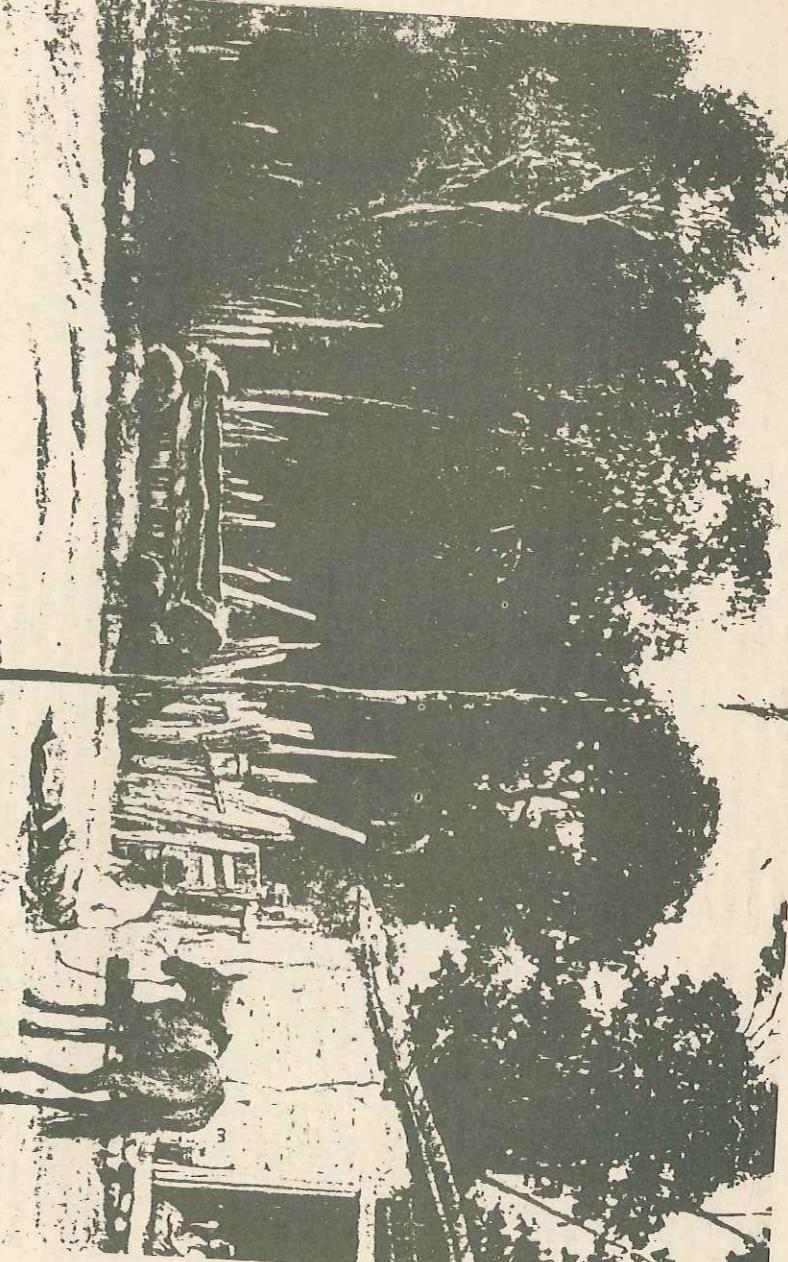
Quanto ao interesse histórico e documental, regis- tram-se: a) Fazendas do cí- clo do ouro, fundadas por bandeirantes paulistas e seus descendentes; docu- mentam o período da ocu- pação e povoamento inicial da região. Desenvolviam atividades complementares da mineração, ou seja, agri- cultura e pecuária voltadas para o abastecimento das populações mineiras.

b) Fazendas da fase de transição, surgidas ao longo do século XIX e início do século XX: apresentam características específicas, conforme a procedência dos que as constituíram. São representa- tivas das correntes migratórias que demandaram a mineração deixou de ser a principal atividade econô- mica da região, sendo sub- tituída pela agropecuária.

c) Fazendas que marcam o princípio do processo de modernização de Goiás. As casas-sede dessas fazendas evidenciam influência urbana e são de construção ur- bana "moderna", datando dos anos 30.

d) Chacaras localizadas na periferia das cidades. Apres- sentam características ar- quitectônicas diversificadas, sendo algumas delas indica- tivas da predileção de de- terminados segmentos das elites urbanas por residen- cias situadas nos arrabaldes das cidades, o que lhes as- segurava melhores condi- ções de salubridade.

Quanto à localização na rural, encontraram-se tres tipos: as Fazendas que se situavam em região de matas e florestas de cultura, voltadas



— **Fazenda Sobradinho** —

para a agricultura e tendo a pecuária como atividade complementar; as Fazendas localizadas em campos e cerrados, com atividades predominantemente pasto- ris; e as chacaras existentes em áreas próximas das ci- dades, geralmente servidas por água abundante e solo humoso e fértil, com estilo de vida semi-urbano.

Quanto ao partido arqui- tético, localizaram-se dois tipos predominantes de ca- sas-sede, quais sejam:

— Fazenda Sobradinho, con- struída para o quinal. Esse tipo predominava nas fazendas do século XVIII e início do XIX e inclui um quarto semi- janelas, ou **quarto escuro**, situado no centro da edifica- ção;

— Fazenda Bonifácio, que possivelmente era a Fazenda Rio Vermelho e a chácara da rua das Flores.

— Fazenda Araras, em Formosa. Nesta cidade foi possível obter informações sobre a Fazenda Boni- fácio, referida como expre- siva, mas cuja sede já não mais existe.

A esse universo, some-se Fazenda Babilônia situada no município de Pirenópolis e estudada por uma das pesquisadoras, conforme li- vro publicado anteriormente (COSTA 1978).

O estudo preliminar das fazendas tornou possível des- classificá-las de acordo com a tipologia ensaiada, a saber:

a) Fazendas do ciclo do ouro — nessa primeira fase do projeto não foi possível visitar, na região do Planalto, fazenda que remontasse ao Século XVIII. As pesqui- sadoras foram informadas da existência da Fazenda Barreiro (município de Lu- ziânia), fundada no Século XVIII, cujas terras foram lo- teadas, conservando-se a casa-sede antiga. De igual modo, a Fazenda Riacho Frio, no mesmo município, tem sua história vinculada aos bandeirantes. Deverão ser percorridas durante a execução da segunda fase do projeto.

b) Fazendas da fase de transição do ciclo de mineiração para o de economia agropastoril: Sobradinho (Distrito Federal); Mariquita e Bonifácio (Jaraguá); Pau- lista (Luziânia); Araras (Formosa) e Babilônia (Pire-

mentos rurais no Distrito Federal e em 4 municípios, a saber:

— Fazenda Sobradinho, na cidade satélite de Brasi- lia, com o mesmo nome;

— Fazenda Paulista, em Luziânia;

— Fazenda Lagoa Bonita ou Larguinha, em Planalti- na.

— Fazendas Bonifácio, foram visitadas também a Fazenda Rio Vermelho (Ja- raguá) data dos anos 40 e

— Fazenda Araras, em Formosa. Nesta cidade foi possível obter informações sobre a Fazenda Boni- fácio, referida como expre- siva, mas cuja sede já não mais existe.

A esse universo, some-se Fazenda Babilônia situada no município de Pirenópolis e estudada por uma das pesquisadoras, conforme li- vro publicado anteriormente (COSTA 1978).

O estudo preliminar das fazendas tornou possível des- classificá-las de acordo com a tipologia ensaiada, a saber:

a) Fazendas do ciclo do ouro — nessa primeira fase do projeto não foi possível visitar, na região do Planalto, fazenda que remontasse ao Século XVIII. As pesqui- sadoras foram informadas da existência da Fazenda Barreiro (município de Lu- ziânia), fundada no Século XVIII, cujas terras foram lo- teadas, conservando-se a casa-sede antiga. De igual modo, a Fazenda Riacho Frio, no mesmo município, tem sua história vinculada aos bandeirantes. Deverão ser percorridas durante a execução da segunda fase do projeto.

b) Fazendas da fase de transição do ciclo de mineiração para o de economia agropastoril: Sobradinho (Distrito Federal); Mariquita e Bonifácio (Jaraguá); Pau- lista (Luziânia); Araras (Formosa) e Babilônia (Pire-

nópolis). Esta última apre- senta a singularidade de ser estabelecimento rural vol- tado para a agricultura de exportação, com o cultivo do algodão, em larga escala.

c) Fazenda que testemu- nha o princípio do processo de modernização de Goiás: Lagoa Bonita (Planaltina). A Fazenda Rio Vermelho (Ja- raguá) data dos anos 40 e apresenta traços de influên- cia norte-americana, refu- gindo contudo à delimitação cronológica e histórica do presente trabalho.

d) Chacaras localizadas na periferia: Rua das Flores (Jaraguá), não estudada, po- rém, em razão das reformas nela efetuadas e a feição ni- tidamente urbana que hoje apresenta.

Todas as fazendas do Pla- nalto Central, visitadas pe- las pesquisadoras, situam- se em região de campos e cerrados, algumas apresentando remanescentes de de- gradação com casas-sede abandonadas.

Naquelas ainda habitadas, é elemento obrigatório o re- go dágua; em algumas, também o monjolo, o forno de barro e o fogão de lenha. Menos frequente é o enge- nho de cana, com moendas de madeira movidas a tra- ção animal ou a força hidráulica. Em uma única se- de foi encontrado um enge- nho de serra. Em outras, um cruzeto indicativo de fé cristã. Em uma terceira, um cemitério privativo, os ru- mros de pedras brutas.

No Planalto Central foram identificados estabeleci-

mentos rurais no Distrito Federal e em 4 municípios, a saber:

— Fazenda Sobradinho, na cidade satélite de Brasi- lia, com o mesmo nome;

— Fazenda Paulista, em Luziânia;

— Fazenda Lagoa Bonita ou Larguinha, em Planalti- na.

— Fazendas Bonifácio, foram visitadas também a Fazenda Rio Vermelho (Ja- raguá) data dos anos 40 e

— Fazenda Araras, em Formosa. Nesta cidade foi possível obter informações sobre a Fazenda Boni- fácio, referida como expre- siva, mas cuja sede já não mais existe.

A esse universo, some-se Fazenda Babilônia situada no município de Pirenópolis e estudada por uma das pesquisadoras, conforme li- vro publicado anteriormente (COSTA 1978).

O estudo preliminar das fazendas tornou possível des- classificá-las de acordo com a tipologia ensaiada, a saber:

a) Fazendas do ciclo do ouro — nessa primeira fase do projeto não foi possível visitar, na região do Planalto, fazenda que remontasse ao Século XVIII. As pesqui- sadoras foram informadas da existência da Fazenda Barreiro (município de Lu- ziânia), fundada no Século XVIII, cujas terras foram lo- teadas, conservando-se a casa-sede antiga. De igual modo, a Fazenda Riacho Frio, no mesmo município, tem sua história vinculada aos bandeirantes. Deverão ser percorridas durante a execução da segunda fase do projeto.

b) Fazendas da fase de transição do ciclo de mineiração para o de economia agropastoril: Sobradinho (Distrito Federal); Mariquita e Bonifácio (Jaraguá); Pau- lista (Luziânia); Araras (Formosa) e Babilônia (Pire-

— **Fazenda Sobradinho** —

— localizada na cidade-sede de Planaltina, pertence a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a vende- ram — ou tiveram parte das terras desapropriadas —

— quando da construção de

Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros:

— 3 casas bem próximas

— umas das outras, sendo que

— na sede, maior e mais anti-

— ga, residia o casal, morando

— os filhos casados, nas de-

— mais.

— localizada na cidade-sede de Planaltina, pertence a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a vende- ram — ou tiveram parte das terras desapropriadas —

— quando da construção de

Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros:

— 3 casas bem próximas

— umas das outras, sendo que

— na sede, maior e mais anti-

— ga, residia o casal, morando

— os filhos casados, nas de-

— mais.

— localizada na cidade-sede de Planaltina, pertence a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a vende- ram — ou tiveram parte das terras desapropriadas —

— quando da construção de

Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros:

— 3 casas bem próximas

— umas das outras, sendo que

— na sede, maior e mais anti-

— ga, residia o casal, morando

— os filhos casados, nas de-

— mais.

— localizada na cidade-sede de Planaltina, pertence a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a vende- ram — ou tiveram parte das terras desapropriadas —

— quando da construção de

Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros:

— 3 casas bem próximas

— umas das outras, sendo que

— na sede, maior e mais anti-

— ga, residia o casal, morando

— os filhos casados, nas de-

— mais.

— localizada na cidade-sede de Planaltina, pertence a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a vende- ram — ou tiveram parte das terras desapropriadas —

— quando da construção de

Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros:

— 3 casas bem próximas

— umas das outras, sendo que

— na sede, maior e mais anti-

— ga, residia o casal, morando

— os filhos casados, nas de-

— mais.

— localizada na cidade-sede de Planaltina, pertence a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a vende- ram — ou tiveram parte das terras desapropriadas —

— quando da construção de

Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros:

— 3 casas bem próximas

— umas das outras, sendo que

— na sede, maior e mais anti-

— ga, residia o casal, morando

— os filhos casados, nas de-

— mais.

— localizada na cidade-sede de Planaltina, pertence a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a vende- ram — ou tiveram parte das terras desapropriadas —

— quando da construção de

Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros:

— 3 casas bem próximas

— umas das outras, sendo que

— na sede, maior e mais anti-

— ga, residia o casal, morando

— os filhos casados, nas de-

— mais.

— localizada na cidade-sede de Planaltina, pertence a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a vende- ram — ou tiveram parte das terras desapropriadas —

— quando da construção de

Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros:

— 3 casas bem próximas

— umas das outras, sendo que

— na sede, maior e mais anti-

— ga, residia o casal, morando

— os filhos casados, nas de-

— mais.

— localizada na cidade-sede de Planaltina, pertence a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a vende- ram — ou tiveram parte das terras desapropriadas —

— quando da construção de

Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros:



não julgou interessante informar sobre a origem da gleba.

O nome — Paulista — refere-se à naturalidade de um empregado que trabalhou para o pai dos proprietários, durante muito anos.

As atividades desenvolvidas privilegiavam a agricultura e a pecuária extensivas.

A auto-suficiência da fazenda completava-se no cultivo da cana-de-acúcar, com o fabrico de rapadura e açúcar para o pai: chiqueiro; casa das formalhas de sabão; engenho e conjunto de formalhas e taças de açúcar; casa de hóspedes. Havia também um moinho, abandonado e substituído por triturador a gasolina.

A casa-sede é ampla, do tipo alongado (influência paulista) com varanda voltada para um pátio interno, separado do pômar por mureta de pedras fritas. Compreende seis quartos de dormir e um "quarto escuro", sem janelas, com uma única porta de acesso através da varanda.

As explicações obtidas sobre a utilização desse quarto indicam que o mesmo desempenhava-se à guarda de valores da família, sendo ocupado, via de regra, pelo casal da antiga despensa, substituindo-se o piso da terra batida por tijolos retangulares com cimento. Atualmente, destina-se a guarda de arreios e tralhas diversas.

Fizeram-se alguns acrescidos e modificações na planta original da casa-sede: a cozinha, com fogão de lenha, foi transferida para o lado da antiga despensa, era habitado pelas donzelas da casa; outros informam que passa pelo engenho de cana e pelos vestígios do antigo moinho para, em seguida, servir à casa-sede. Atualmente, a iluminação ainda é feita com lampainha de quereróe, bem como ao apuro do picincho para obtenção da aninha (gordura).

A varanda de jantar intercima das janelas abre-se para um grande jirau, à altura do peitoril, no qual são colados pratos, panelas e outros utensílios para secar. As edificações primitivas foram erguidas com adobes e taipa de pilão ou sopapo. O moinho rústicas, com esferas e baldrames de amoreira, feitos de madeira rólica aparelhados, portas e molas cegas, de folha única, maciças, pintadas de vermelho, com dobradiças de ferro. No engenho há moendas de madeira (deterioradas) e vertiam o caldo da cana para a casa, com dobradiças de ferro. A casa das formalhas e a casa das formalhas "na rexa", onde se processava a rapadura, em madeira

maciça, sobre suportes feitos com adobes. O engenho é do tipo almanjarra, tocado por bois, semelhantes a ilustrações do século XVII, reproduzidas por Frangi, em sua obra clássica (FRAGINALS, 1987).

O mobiliário é extremamente tosco, ao que parece feito na própria fazenda, por artesãos locais: catres que têm como estrado tiras de couro trançadas, sobre as quais estendem-se colchões de palha de milho; enormes tubas para guardar cereais: mesas de madeira maciça, com gavetas de fechadura; armário embutido na varanda; banca de fazer queijo; banco de pôtes para água, etc. Na cozinha, há panelas de ferro, tachos de cobre, canecos de alumínio e outros utensílios típicos do meio rural.

O pômar contém grande número de fruteiras variadas, algumas centenárias. Nele, corre um rego dágua, que passa pelo engenho de cana e pelos vestígios do antigo moinho para, em seguida, servir à casa-sede.

A iluminação ainda é feita com lampainha de quereróe e um aladim, motivo de

estilo de vida, no meio rural goiano, pouco diferente daquele predominante ao longo do século XIX, como evidenciado nos equipamentos, mobiliário e utensílios existentes na Paulista.

A atividade predominante é a agricultura, desenvolvendo-se a pecuária extensiva.

O Nordeste, recebendo imigrantes fugitivos da seca.

A sede da Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e carneiros, fundador da fazenda, é Dr. Hosannah Guimaraes (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimaraes em 1929/1930. São glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais do-

retor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

riamente, desenvolveu pe- cuniária de leite, em pequena escala.

A paisagem da região é típica do cerrado. No entorno da casa-sede há árvores frondosas (ficus) provenientes de mudas que foram doadas ao proprietário pelo Di-

rectional de Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

riamente, desenvolveu pecuniária de leite, em pequena escala.

A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais confusão entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo

imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e carneiros, fundador da fazenda, é Dr. Hosannah Guimaraes (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimaraes em 1929/1930. São

glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais do-

retor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

riamente, desenvolveu pecuniária de leite, em pequena escala.

A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais confusão entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo

imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e carneiros, fundador da fazenda, é Dr. Hosannah Guimaraes (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimaraes em 1929/1930. São

glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais do-

retor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

riamente, desenvolveu pecuniária de leite, em pequena escala.

A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais confusão entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo

imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e carneiros, fundador da fazenda, é Dr. Hosannah Guimaraes (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimaraes em 1929/1930. São

glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais do-

retor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

riamente, desenvolveu pecuniária de leite, em pequena escala.

A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais confusão entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo

imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e carneiros, fundador da fazenda, é Dr. Hosannah Guimaraes (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimaraes em 1929/1930. São

glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais do-

retor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

riamente, desenvolveu pecuniária de leite, em pequena escala.

A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais confusão entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo

imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e carneiros, fundador da fazenda, é Dr. Hosannah Guimaraes (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimaraes em 1929/1930. São

glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais do-

retor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

riamente, desenvolveu pecuniária de leite, em pequena escala.

A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais confusão entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo

imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e carneiros, fundador da fazenda, é Dr. Hosannah Guimaraes (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimaraes em 1929/1930. São

glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais do-

retor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

riamente, desenvolveu pecuniária de leite, em pequena escala.

A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais confusão entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo

imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e carneiros, fundador da fazenda, é Dr. Hosannah Guimaraes (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimaraes em 1929/1930. São

glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais do-

retor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

riamente, desenvolveu pecuniária de leite, em pequena escala.

A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais confusão entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo

imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e carneiros, fundador da fazenda, é Dr. Hosannah Guimaraes (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimaraes em 1929/1930. São

glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais do-

retor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, du-

riamente, desenvolveu pecuniária de leite, em pequena escala.

A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais confusão entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo

imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e carneiros, fundador da fazenda, é Dr. Hosannah Guimaraes (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimaraes em 1929/1930. São

glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais do-

retor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimaraes, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou,

# Fronteira em movimento: a Amazônia no século XIX

Universidade de Brasília

la Provincia d

*expansão brasileira no Norte e no Noroeste da Amazônia. Neste artigo a profa VALÉRIA CARVALHO mostra os traços gerais dessa expansão e os movimentos iguais e contrários empreendidos pelo Peru, Bolívia, Venezuela e Colômbia na conformação das lindes Amazônicas.*

O deslocamento interno da fronteira na Amazônia brasileira, em direção ao norte e noroeste amazônicos, começou a ampliar-se a partir da década de 1850. O crescimento paulatino da borra-cha determinou a ocupação de novas áreas e repercutiu sobre toda a vida social da região. A nova direção da economia foi acompanhada por decisões político-administrativas, tanto do governo central quanto dos governos regionais, que vieram a caracterizar uma superação da tradicional organização sócio-política her- dada da época colonial. Foi a partir desse momento que a Amazônia começou a integrar-se de maneira mais concreta na construção do Estado nacional brasileiro. A expansão da economia possibilitou a soberania territorial sob o espaço amazônico, já delineado pela política portuguesa, e enfatizou sua importância internacional. Neste movimento de ampliação da fronteira interna, colocou-se como questão básica a solução dos meios de transportes na região e o seu povoamento. A ação do Governo brasileiro no sentido de modernizar a navegação fluvial permitiu consolidar alguns núcleos populacionais existentes e fixar outros. Na medida em que aumentava a demanda de borracha ocorria uma redistribuição setorial da mão-de-obra, determinando passagem de uma política prioritariamente pautada sobre a população indígena para o incentivo à imigração. Da mesma forma, foram estabelecidos os pontos bá- siços do comércio com os países vizinhos, núcleos que articularam a possibilidade de uma fronteira viva em determinadas áreas.

### A Amazônia após a Independência

A Amazônia brasileira, após o rompimento político do Brasil com Portugal, continuou a ter como base administrativa a Província do Pará e o atual Estado do Amazonas, constituía uma comarca sob sua jurisdição, denominada Rio Negro. Na época da transferência da Corte portuguesa para o Brasil, a Amazônia encontrava-se numa fase de decadência econômica, originada por uma retração dos mercados consumidores do cacau, seu principal produto de exportação. Esta situação agravou-se com a instalação da Corte no país, quando a região se viu obrigada a um esforço de guerra na ocupação portuguesa da Guiana Francesa (1808-1817), o que também contribuiu para a recessão agrícola. As adver- sidades dessa economia dirigida ao mercado externo em retração não foram menos importantes que as dis- putas políticas decorrentes do processo de Independência.(1) A elite amazônica passou a indicar, neste momento, que o reerguimento de sua economia, o re-estabelecimento da fronteira na Amazônia brasileira, em direção ao norte e noroeste amazônicos, começou a ampliar-se a partir da década de 1850. O crescimento paulatino da borra-cha determinou a ocupação de novas áreas e repercutiu sobre toda a vida social da região. A nova direção da economia foi acompanhada por decisões político-administrativas, tanto do governo central quanto dos governos regionais, que vieram a caracterizar uma superação da tradicional organização sócio-política her- dada da época colonial. Foi a partir desse momento que a Amazônia começou a integrar-se de maneira mais concreta na construção do Estado nacional brasileiro. A expansão da economia possibilitou a soberania territorial sob o espaço amazônico, já delineado pela política portuguesa, e enfatizou sua importância internacional. Neste movimento de ampliação da fronteira interna, colocou-se como questão básica a solução dos meios de transportes na região e o seu povoamento. A ação do Governo brasileiro no sentido de modernizar a navegação fluvial permitiu consolidar alguns núcleos populacionais existentes e fixar outros. Na medida em que aumentava a demanda de borracha ocorria uma redistribuição setorial da mão-de-obra, determinando passagem de uma política

de condições de governabilidade dependiam de uma reorganização político-administrativa, de uma política de transportes e de uma redefinição do espaço político e econômico regional.

A consciência de que havia necessidade de uma redivisão territorial apareceu concretamente em 1826, através de um projeto para a autonomia da Comarca do Rio Negro. Esta medida era compartilhada por agricultores e comerciantes do Rio via necessidade de uma redivisão territorial apareceu concretamente em 1826, através de um projeto para a autonomia da Comarca do Rio Negro. Esta medida era compartilhada por agricultores e comerciantes do Rio Negro e políticos do Pará.(2) Em 1828, o presidente da Província, Paulo José da Silva Gama, Barão de Bagé, em ofício ao ministro do Império expôs a situação daquela comarca e sugeriu um governo separado do Pará, nos seguintes termos: "Esta Província do Rio Negro deve mercer a particular atenção do Ministro de Sua Majestade não só em razão dos meios que ela oferece para se tirar partido de suas grandes produções naturais como por ser a nossa fronteira nessa parte do Brasil com a República da Colômbia. Ela não pode absolutamente ser dirigida pelo Governo do Pará, o qual a qui-

nenhuma providência a propósito para ali dar, ou seja para sua defesa na guerra, ou para a sua prosperidade na Paz. O Rio Negro precisa sem dúvida de um governo separado."(3)

No momento em que surgiu a proposta de reorganização administrativa da Amazônia, a Província do Pará, como outras do Império, apresentava uma instabilidade política que, no presente caso, canalizou-se no movimento social da Cabanagem. A região esteve conflagrada praticamente durante quase toda a decadência de 1830 e somente em 1837 o governo central iniciou uma contra-ofensiva militar. No ano seguinte, foi instalada a Assembléia Provincial, que aprovou algumas medidas ainda timidas para a recuperação da economia regional, como incentivos às firmas que instalassem a navegação a vapor. A falta de capital, no entanto, inviabilizou estas propostas.(4)

Após a Cabanagem, as povoações e áreas rurais em contraviam-se arruinadas, não apenas pela falta de mão-de-obra mas, também, pela destruição das culturas e do gado. Estima-se que cerca de 30.000 pessoas morreram na guerra civil que dominou toda a região amazônica.(5) Entre as sofreram para a sua recuperação voltou a ser debatido o problema da criação da Província do Amazonas.

Em 1839, foi apresentada

bléia Geral e o argumento de que os que defendiam sua criação, era o estado da decadência da região era de forma mais clara a idéia de que a segurança e manutenção da soberania territorial brasileira na Amazônia relacionavam-se com a segurança de expansão de ingleses e franceses no norte, a partir das suas colônias já estabelecidas na área, era uma das principais preocupações do proponente do projeto.<sup>(6)</sup>

A oposição ao projeto na Câmara dos Deputados, embora apontasse para a necessidade de uma nova divisão territorial do país, considerava a idéia prematura, pois as próprias condições da região não justificavam a medida. Indicava-se a falta de população, comércio e indústria e levantava-se o argumento de que a Comarca do Rio Negro não teria número suficiente de homens capazes para construir a Assembléia Provincial.

Entretanto, quatro anos depois de apresentado o projeto de criação da Província do Amazonas, este foi aprovado na Câmara dos Deputados, em julho de 1843. Contudo a medida só seria aprovada no Senado sete anos depois, em 1850, quando se apresentou uma conjuntura política e perspectivas econômicas que

A high-contrast, black and white woodcut-style illustration. The central figure is a human-like form with a patterned body (dark spots and lines) and a striped headband. It is set against a background of large, dark, diagonal stripes. The style is graphic and abstract, with a focus on bold shapes and patterns.

ບໍລິສັດ ລາວ

mentada.  
na loc.

medidas que seriam implementadas, em nível nacional e local, marcariam uma inflexão, a partir da década de 1850, na história da Amazônia brasileira, com as primeiras ações para a integração do espaço amazônico.

### Primeiros passos na integração do espaço fluvial

Belém, que fora desde o período colonial o núcleo mais importante da Amazônia brasileira firmou-se, com a demanda externa da borracha, no papel de centro controlador da produção e comercialização, dentro e fora de seus limites territoriais. Por volta de 1851 a borracha perfazia quase a metade das exportações do porto de Belém. Os vapores da "Companhia do Amazonas", ligando Belém a Manaus a partir de 1852, veio a facilitar a expansão interior e novas povoações do ram-se ao comércio da borracha. Além dos antigos centros coloniais, como Santarém, Cametá e Obidos surgiram outros em muitos pontos dos trajetos dos vapores, devido à criação de portos para a tomada de leña, pequenos núcleos onde a população afliuia para comercializar.(8)

A Província do Amazonas só foi atingida pelas repescas econômicas da demanda externa da borracha no início da década de 1860. Quando foi instalada, em 1852, Manaus possuía quase mil habitantes e a cidade, segundo o testemunho de Lourenço da Silva Araújo, constava de "uma praça e 16 ruas estreitas, e ainda grande quantidade (...) Agora o café, a mandioca, o algodão mal chegam para o consumo, e todos os outros gêneros e artesfatos, a falta de cultura tem desaparecido (...)".(9)

Esta descrição de Tenreiro Aranha mostra um momento de crise da economia regional tradicional do Amazonas, que seria modificada, alguns anos depois. Até 1850, a produção comercial da borracha esteve restrita a Belém e ilhas próximas. A partir daí, novas áreas foram atingidas na própria Província do Pará onde a exploração do látex tornou a direção dos rios Xingu e Tapajós e encontrou maiores possibilidades na província do Amazonas, iniciando a ocupação dos rios Madeira e Purus. Essa expansão foi acompanhada por uma mobilidade intra-setorial da população ativa e uma redistribuição espacial da população empregada na coltiva da seringa.(11)

Com a nova dinâmica da economia, imediatamente surge a necessidade de am-

pliar a oferta de mão-de-obra. A força de trabalho dispôs, no fato de que se fizeram incursões no seu território pelo lado do Brasil. Segundo o Governo brasileiro, o encarregado da direção da aldeia dos índios de Japacóá, nas margens do Içá, atraiu alguns índios estabelecidos "no território que se reputa granadino". Esta questão não se limitou ao espaço interno. Através da Colômbia, atingiu também a outras repúblicas vizinhas. O fenômeno persistiu até o final do século sendo, inclusive, objeto de acordo entre os governos brasileiros e peruanos, em 1891.(13)

### O encontro das fronteiras

As relações comerciais entre os países hispano-americanos e o Brasil acompanharam o ritmo da demanda externa da borracha e, em menor grau, de outros produtos de extração vegetal e animal como a salsaparreira, as peles de animais e a manteiga de tartaruga. A exportação de gêneros agrícolas, como o algodão e o tabaco, foi decrescendo, à medida que ampliava-se a exportação de seringa. Graças a principal via de escoamento da produção do vale amazonico e as cidades de Belém e Manaus passaram a concentrar a maior parte das transações econômico-financeiras da região.

O estabelecimento de navios a vapor, integrando o Brasil aos demais estados amazônicos, incrementaria as relações e incorporaria, pouco a pouco, os núcleos de povoação destes países a economia gomifera. Em alguns trechos, articulava-se a possibilidade de formação de fronteiras vivas. O governo co-



lombiano, em 1854, queixou-se do fato de que se faziam incursões no seu território pelo lado do Brasil. Segundo o Governo brasileiro, o encarregado da direção da aldeia dos índios de Japacóá, nas margens do Içá, atraiu alguns índios estabelecidos "no território que se reputa granadino". Esta questão não se limitou ao espaço interno. Através da Colômbia, atingiu também a outras repúblicas vizinhas. O fenômeno persistiu até o final do século sendo, inclusive, objeto de acordo entre os governos brasileiros e peruanos, em 1891.(13)

As relações comerciais entre os países hispano-americanos e o Brasil acompanharam o ritmo da demanda externa da borracha e, em menor grau, de outros produtos de extração vegetal e animal como a salsaparreira, as peles de animais e a manteiga de tartaruga. A exportação de gêneros agrícolas, como o algodão e o tabaco, foi decrescendo, à medida que ampliava-se a exportação de seringa. Graças a principal via de escoamento da produção do vale amazonico e as cidades de Belém e Manaus passaram a concentrar a maior parte das transações econômico-financeiras da região.

O estabelecimento de navios a vapor, integrando o Brasil aos demais estados amazônicos, incrementaria as relações e incorporaria, pouco a pouco, os núcleos de povoação destes países a economia gomifera. Em alguns trechos, articulava-se a possibilidade de formação de fronteiras vivas. O governo co-

### Peru

A movimentação de pessoas de diversas nacionalidades em Tabatinga, fortaleza erigida na fronteira entre o Brasil e o Peru em fins de século XVIII, causou surpresa ao viajante alemão Robert Avé-Lallémant que ali esteve em 1859. Eram brasileiros, indígenas, peruanos, franceses, húngaros, alemães, e norte-americanos, entre outros. Indaga-se o estudo: "Que poderia ter reunido toda essa gente naquela longa fronteira?"(17) Tabatinga, último ponto brasileiro da linha de vapores ligando Manaus a Nauta, anteriormente reduzida ao Forte e ao des tacamento policial, alterou-se com a introdução da navegação a vapor. Avé-Lallémant descreveu estas modificações. Segundo o viajante, nos últimos dias antes da chegada do vapor, aportava um igarapé após outro, descendo o Solimões, trazendo chapéus e salsaparrilha do Peru. A margem morta do forte passava, então, a apresentar intensa atividade. À noite, conforme Avé-Lallémant, os índios peruanos armavam suas tendas na margem do rio, enquanto os comerciantes faziam suas camas num ma "casa aberta da nação", ao mundo dos "caçaravangarás orientais".

O isolamento da zona oriental peruana constitua o principal obstáculo para o estabelecimento de relações regulares com a costa do país. As vias de comunicação interrompem-se ante à cordilheira dos Andes e para se chegar a Moyobamba, fôntiga capital da Província Litoral de Loreto e em cuja

### DF — LETRAS 29

jurisdição encontrava-se quase toda a Amazônia peruviana; as dificuldades iniciais na localidade de Balsaporto, situada naquele cordilheira. Daí por diante, segundo Avé-Lallémant, começavam os maiores tropeços. Não havia muares e estes de nada adiariam em alguns trechos da montanha. A utilização dos indígenas como carregadores era a única forma de se transportar as mercadorias. Conforme o viajante, um negociante precisava as vezes de 300 a 400 índios.(20) Afra este caminho, cujo trajeto era percorrido aproximadamente em 11 semanas a partir de Tabatinga, existiam outras duas linhas conhecidas de comunicação do vale do Amazonas a Cordilheira. Conhecida por caminho do centro, ligava a cidade de Huanaco, situada sobre os Andes, a Tingo-Maria, no rio Huallaga, afluente do Maranão. Este caminho era um pouco melhor que a via para Moyobamba, mas apresentava-se menos pavimentado. O outro caminho, que estabelecia a ligação do rio Urubambá a Cuzco, admitia passagens de animais por todo o trajeto e era mais habitado.(21)

Em 1866, a Província Litoral de Loreto foi elevada à categoria de Departamento, subdividida em quatro províncias. Estas eram a de Moyobamba, cuja capital era provisória de mesmo nome, a de Huanuco, com capital em Tarapoto; a do Alto Amazonas, capital Balsaporto; e a do Baixo Amazonas, sendo sua capital Iquitos, empório da região. Segundo o deputado brasileiro Tavares Bastos, do Partido Liberal, que neste

mesmo ano de 1866 esteve em Iquitos, a localidade compunha-se de casas de boa aparência. Algumas, conforme registrou, eram ladrihadas e assalhadas. O povoado possuía uma serraria, farraria e pequena fundição, além de um dique que que se estava montando. A coleta de borracha já havia alcançado esta área, sendo sua introdução atribuída ao brasileiro José Joaquim Ribeiro, "que se estabeleceu com uma colônia de brasileiros já afeitos à extração da goma elástica".

A introdução da extração da seringa diminuiu, com o passar do tempo, a concentração dos chapéus de palha, principal atividade da Província de Loreto. Além da borracha e chapéus, a Amazônia peruana exportava sal-saparrilha, tabaco, algodão e tecidos deste produto, estrengueiros, como o vinho, licores, louça, ferro e cobre em folha.

Estimava-se, na década de 1860, que muitos benefícios poderiam advir através do comércio de importação e exportação da república do Peru pelo Amazonas. Na avaliação de Tavares Bastos, um sexto do comércio externo peruano poderia ser realizado por aquela via, e dos 14 departamentos em que se encontrava dividido aquele país, a nove interessariam a navegação do transito do Peru pelo Amazonas. O comércio de zonas representava, em fins da década de 1850, a terça parte dos carregamentos dos vapores de Manaus com destino a Belém.(24)

O valor total do comércio de exportação-importação do Peru com o Brasil foi crescente. Pequena oscilação verificou-se entre os anos de 1865-1870, momento de rompimento formal das relações dos dois países, quando se apresentaram dificuldades na demarcação de suas fronteiras e ainda o protesto peruano à convenção de limites assinada pelos governos boliviano e brasileiro, em 1867. Mesmo contando com impecilhos naturais que dificultavam a ligação da Amazônia peruana a costa desse país, o governo peruano esteve atento à dimensão que a via do Amazonas poderia representar à unidade territorial e procurou implementar políticas com o fim de estabelecer uma melhor administração, principalmente na Província de Loreto.

A instalação da navegação a vapor ligando Manaus a Nauta, embora tivesse facilitado o transporte de mercadorias e animado o comércio de madeiras para suas cidades, não conseguiu nos primeiros anos modificar a situação de decadência de alguns povoados situados ao longo dos trajetos dos vapores, em território brasileiro.

Os pontos de escadas dos na-

vios até a fronteira com o Peru eram Coary, Tefé, Fonte Boa, Tonantins e Tabatinga. O aspecto dessas povoações foi considerado por aquim Ribeiro, "que se estabeleceu com uma colônia de brasileiros já afeitos à extração da goma elástica".

A introdução da extração da seringa diminuiu, com o passar do tempo, a concentração dos chapéus de palha, principal atividade da Província de Loreto. Além da borracha e chapéus, a Amazônia peruana exportava sal-saparrilha, tabaco, algodão e tecidos deste produto, estrengueiros, como o vinho, licores, louça, ferro e cobre em folha.

Estimava-se, na década de 1860, que muitos benefícios poderiam advir através do comércio de importação e exportação da república do Peru pelo Amazonas. Na avaliação de Tavares Bastos, um sexto do comércio externo peruano poderia ser realizado por aquela via, e dos 14 departamentos em que se encontrava dividido aquele país, a nove interessariam a navegação do transito do Peru pelo Amazonas. O comércio de zonas representava, em fins da década de 1850, a terça parte dos carregamentos dos vapores de Manaus com destino a Belém.(24)

O valor total do comércio de exportação-importação do Peru com o Brasil foi crescente. Pequena oscilação verificou-se entre os anos de 1865-1870, momento de rompimento formal das relações dos dois países, quando se apresentaram dificuldades na demarcação de suas fronteiras e ainda o protesto peruano à convenção de limites assinada pelos governos boliviano e brasileiro, em 1867. Mesmo contando com impecilhos naturais que dificultavam a ligação da Amazônia peruana a costa desse país, o governo peruano esteve atento à dimensão que a via do Amazonas poderia representar à unidade territorial e procurou implementar políticas com o fim de estabelecer uma melhor administração, principalmente na Província de Loreto.

A instalação da navegação a vapor ligando Manaus a Nauta, embora tivesse facilitado o transporte de mercadorias e animado o comércio de madeiras para suas cidades, não conseguiu nos primeiros anos modificar a situação de decadência de alguns povoados situados ao longo dos trajetos dos vapores, em território brasileiro.

Os pontos de escadas dos na-

vios até a fronteira com o Peru eram Coary, Tefé, Fonte Boa, Tonantins e Tabatinga. O aspecto dessas povoações foi considerado por aquim Ribeiro, "que se estabeleceu com uma colônia de brasileiros já afeitos à extração da goma elástica".

A introdução da extração da seringa diminuiu, com o passar do tempo, a concentração dos chapéus de palha, principal atividade da Província de Loreto. Além da borracha e chapéus, a Amazônia peruana exportava sal-saparrilha, tabaco, algodão e tecidos deste produto, estrengueiros, como o vinho, licores, louça, ferro e cobre em folha.

Estimava-se, na década de 1860, que muitos benefícios poderiam advir através do comércio de importação e exportação da república do Peru pelo Amazonas. Na avaliação de Tavares Bastos, um sexto do comércio externo peruano poderia ser realizado por aquela via, e dos 14 departamentos em que se encontrava dividido aquele país, a nove interessariam a navegação do transito do Peru pelo Amazonas. O comércio de zonas representava, em fins da década de 1850, a terça parte dos carregamentos dos vapores de Manaus com destino a Belém.(24)

O valor total do comércio de exportação-importação do Peru com o Brasil foi crescente. Pequena oscilação verificou-se entre os anos de 1865-1870, momento de rompimento formal das relações dos dois países, quando se apresentaram dificuldades na demarcação de suas fronteiras e ainda o protesto peruano à convenção de limites assinada pelos governos boliviano e brasileiro, em 1867. Mesmo contando com impecilhos naturais que dificultavam a ligação da Amazônia peruana a costa desse país, o governo peruano esteve atento à dimensão que a via do Amazonas poderia representar à unidade territorial e procurou implementar políticas com o fim de estabelecer uma melhor administração, principalmente na Província de Loreto.

A instalação da navegação a vapor ligando Manaus a Nauta, embora tivesse facilitado o transporte de mercadorias e animado o comércio de madeiras para suas cidades, não conseguiu nos primeiros anos modificar a situação de decadência de alguns povoados situados ao longo dos trajetos dos vapores, em território brasileiro.

Os pontos de escadas dos na-

que se afirmaria, no que concerne à ação dos governos bolivianos, foi a de sempre manter aberta a possibilidade de saída para o Atlântico, via Amazonas.

**— Bolívia**

A Amazônia boliviana, à semelhança da peruana, possuía, como principal obstáculo à sua vinculação com o altiplano a cadeia andina. A insularidade deste país, entretanto, acentuava a necessidade de uma saída para o mar. A via do Amazonas, uma das soluções possíveis, foi explorada pelos governos da Bolívia. Esta opção tinha por consequente, o fácil acesso ao mar.

Os governos bolivianos estiveram atentos a esta possibilidade, deslanchando medidas que vissem a assegurar o acesso ao Amazonas e de seu território. Em 1844, no governo de José Ballivan, foi criado o Departamento de Beni, que incluía a região amazônica, e realizadas explorações na região dos rios Madeira, Mamoré e Beni, pelo coronel Augustin Palacio. Seguiram-se as explorações do francês Grandidier e do norte-americano Gibbons, respectivamente em 1861 e 1852. Ambos concluíram que a construção de uma estrada para animais seria uma solução para superar as cachoeiras do Madeira.

Estes obstáculos e a ausência de convenções regulando o comércio e navegação com o Brasil não impediram que produtos bolivianos atingissem as capitais da Amazônia brasileira. Em 1858, o presidente da Província do Amazonas, Francisco José Furtado, assinalava a necessidade de estabelecer-se vapores em direção ao Madeira, até a primeira cachoeira, e ao Rio Purus, outra via de acesso à Bolívia.

Por esta época a presença de brasileiros nos rios Purus e Madeira, empenhados na extração da borracha, ainda era pequena. O primeiro assentamento no Purus data de 1852, quando o pernambucano Manoel Nicolau instalou-se no lago Atapuá. Em 1857, o cearense João Gabinho, respectivamente em 1861 e 1852. Ambos centravam à beira do Rio Purus, através da "Companhia Fluvial do Alto Amazonas", recém-fundada em Manaus.

Por esta época a presença de brasileiros nos rios Purus e Madeira, empenhados na extração da borracha, ainda era pequena. O primeiro assentamento no Purus data de 1852, quando o pernambucano Manoel Nicolau instalou-se no lago Atapuá. Em 1857, o cearense João Gabinho, respectivamente em 1861 e 1852. Ambos centravam à beira do Rio Purus, através da "Companhia Fluvial do Alto Amazonas", recém-fundada em Manaus.

De que Euclides da Cunha considera muito maior seu papel de fundador de povoados de comarca. (30) Lá-brea viria a ser o ponto de expansão do povoamento dos afluentes do Purus.

Um dos principais afluentes do Rio Purus foi o Rio Acre, cuja área se tornaria objeto de disputa dos governos brasileiro, peruviano e boliviano. Mas, em 1863, Silva Coutinho, após retornar de uma exploração neste rio, afirmava que o seu comércio ainda era diminuto. (31) A extração da seringa tomou impulso no Departamento de Bem por volta de 1872 quando ali instalaram-se os irmãos Suarez que, em pouco tempo, dominariam o comércio da borracha. (32)

Uma característica política

que se afirmaria, no que concerne à ação dos governos bolivianos, foi a de sempre manter aberta a possibilidade de saída para o Atlântico, via Amazonas.

**— Venezuela e Colômbia**

O Rio Negro, via de acesso a Venezuela e, por seus afluentes, à Colômbia, passou, a partir de 1855, a ser navegado pela "Companhia de Navegação do Amazonas". As povoações situadas à margem deste rio, fundadas no período colonial, encontravam-se em estado de decadência. As escadas da nova linha de navegação viam nos pontos terminais da linha, ou seja, Manaus, Belém e Tabatinga.

A Amazônia boliviana, à semelhança da peruana, possuía, como principal obstáculo à sua vinculação com o altiplano a cadeia andina. A insularidade deste país, entretanto, acentuava a necessidade de uma saída para o mar. A via do Amazonas, uma das soluções possíveis, foi explorada pelos governos da Bolívia. Esta opção tinha por consequente, o fácil acesso ao mar.

Os governos bolivianos estiveram atentos a esta possibilidade, deslanchando medidas que vissem a assegurar o acesso ao Amazonas e de seu território. Em 1844, no governo de José Ballivan, foi criado o Departamento de Beni, que incluía a região amazônica, e realizadas explorações na região dos rios Madeira, Mamoré e Beni, pelo coronel Augustin Palacio. Seguiram-se as explorações do francês Grandidier e do norte-americano Gibbons, respectivamente em 1861 e 1852. Ambos concluíram que a construção de uma estrada para animais seria uma solução para superar as cachoeiras do Madeira.

Estes obstáculos e a ausência de convenções regulando o comércio e navegação com o Brasil não impediram que produtos bolivianos atingissem as capitais da Amazônia brasileira. Em 1858, o presidente da Província do Amazonas, Francisco José Furtado, assinalava a necessidade de estabelecer-se vapores em direção ao Madeira, até a primeira cachoeira, e ao Rio Purus, outra via de acesso à Bolívia.

Por esta época a presença de brasileiros nos rios Purus e Madeira, empenhados na extração da borracha, ainda era pequena. O primeiro assentamento no Purus data de 1852, quando o pernambucano Manoel Nicolau instalou-se no lago Atapuá. Em 1857, o cearense João Gabinho, respectivamente em 1861 e 1852. Ambos centravam à beira do Rio Purus, através da "Companhia Fluvial do Alto Amazonas", recém-fundada em Manaus.

De que Euclides da Cunha considera muito maior seu papel de fundador de povoados de comarca. (30) Lá-brea viria a ser o ponto de expansão do povoamento dos afluentes do Purus.

Um dos principais afluentes do Rio Purus foi o Rio Acre, cuja área se tornaria objeto de disputa dos governos brasileiro, peruviano e boliviano. Mas, em 1863, Silva Coutinho, após retornar de uma exploração neste rio, afirmava que o seu comércio ainda era diminuto. (31) A extração da seringa tomou impulso no Departamento de Bem por volta de 1872 quando ali instalaram-se os irmãos Suarez que, em pouco tempo, dominariam o comércio da borracha. (32)

Uma característica política

que se afirmaria, no que concerne à ação dos governos bolivianos, foi a de sempre manter aberta a possibilidade de saída para o Atlântico, via Amazonas.

**— Venezuela e Colômbia**

As relações comerciais da Amazônia venezuelana com Manaus e Belém eram anteriores à introdução do vapor. Os povoados de San Carlos, Turquim, San Miguel, Tomo e Maro, eram habitados quase que exclusivamente por construtores de canoas, que as exportavam para Manaus e Belém, carregadas por piacaba, breu e farinha. Esta linha de vapores entre Manaus e Santa Isabel, devido ao pequeno lucro que proporcionava, foi suprimida em 1858 e somente seria reinaugurada pela "Companhia Fluvial do Alto Amazonas", em 1869. Em direção à Colômbia somente foi estabelecida a navegação a vapor em 1877, através de uma concessão especial do governo brasileiro ao cidadão colombiano Rafael Reys, que na década de 1900 ocuparia a presidência daquele país. Anteriormente à introdução da navegação a vapor, as relações comerciais entre a Colômbia e Manaus eram realizadas através de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru. Nesta navegação a remo estavam envolvidos colombianos, peruanos e brasileiros.

O volume de embarcações registrado na época representa, em certo sentido, o movimento de expansão. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, transitaram entre os anos de 1855-56, apenas duas embarcações. Para a fronteira de Tabatinga, zona de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram entre os anos de 1855-56. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, via de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, que era o principal afluente do Solimões, na confluência com o Rio Peru

1926  
**MARILDA PALÍMIA**  
(Maria Paula Fleury de Godói)  
**MODERN GIRL**

15 anos:

magra  
serpentina

leve.

Pinta o cabelo

pinta as pálpebras e as sobrancelhas

pinta as faces

pinta a boca

pinta as unhas

pinta... o sete.

Estiliza o gesto

estiliza o olhar

estiliza a voz

estiliza o sorriso

estiliza o andar.

Braços nus

o colo nu

nuas as pernas

o cérebro nu.

— Menina?

— Mulher.

20 anos:

coração insensível

cansado

gasto

sem sonhos

sem ideal

sem emoções.

Esgotou a taça da Ilusão

febrilmente

freneticamente

desvairadamente

inconscientemente

o delicioso veneno

diluído do vinho

forte do Amor.

— Mulher?

— Mulher.

## Sofá

1902

CINÁ DE TALUERÍ

(Eurídice Natal e Silva)

No sofá, ternamente conchegados, de mãos enlaçadas, embebedos numa doce contemplação, os noivos, Amelia e Roberto, sonham com a próxima realização da sua felicidade suprema.

A avó, numa cadeirinha baixa de costuras, de óculos, borda uma toalhinha de mesa de centro, para o enxoval da netinha.

Pousando nos joelhos a costura, fita, com ternura, o jovem par.

— Meus netinhos, faltam apenas

10 dias para a realização dos seus sonhos. Não quero que v.v. tenham

desilusões na vida.

Vou lhes dar um conselho. Há na vida conjugal, três fases distintas — e, na conformação com estas três fases, reside, meus caros, o segredo da felicidade conjugal.

A primeira fase dura do dia da união ao 5º ano de casados; é a do amor ardente, apaixonado.

A segunda, do 5º ao 10º, é a do amor sereno, tranquilo, confiante.

A terceira, isto é a do 10º em diante, a da amizade sincera, calma e doce. Esta última fase de prolongará até às bodas de ouro ou de diamante, se, imprudentemente, um dos conjuges não se revoltar contra esta lei natural, querendo

prolongar mais a primeira ou a se-

Sofá 81

gunda. Então, entrará no casal a desarmonia, e começará as rüssões, perigando a felicidade e a paz da terceira fase, — a mais duradoura e, talvez, a mais feliz...

(interrompendo)

— Qual, vovo, isso é amor do seu tempo? Agora é muito diferente!

**ROBERTO**

(apaixonado) — A nossa lua de mel será eterna: não é assim, minha queridinha?

**AMÉLIA**

— Oh! Decerto, meu amor!

— Ilusão, meus netinhos, pura ilusão...

## DIETA

1990

**TEREZY FLEURI DE GODOI**

Cafezinho e pão de queijo...

Que prazer eu antevejo

quando visito mineiro

ou goiano quituteiro,

Gentil "causeur",

"bon gourmet",

melhor que eu, que você...

Jogo pro alto a dieta,

(não nasci para asceta),

e se o médico me assusta

me chamando de "robusta",

me lembra o colesterol,

(mais franco que um espanhol)

me previne contra o enfarte,

usando de toda arte,

decidido que AMANHÃ,

consciente, mente sã,

comerei apenas folha,

não tenho outra escolha,

tudo com gosto de alpiste...

Ali! Como isso é triste!



# S A T E P

## Maria Abadia Silva

Eu venho de uma geração de mulheres mudas  
e olhos grandes com olheiras.  
Não são mulheres tristes  
nem omisssas, são companheiras.

O silêncio das nossas mulheres  
contém obstinações, preconceitos e evasões  
sufocadas pelo tempo

Mas nossas mulheres de hoje  
têm contornos de vozes e aura de liberdade  
visíveis em suas filhas



## Rosemary Miranda

...nunca tem todos:  
mães, crianças, velhos e jovens  
Eu quero declarar a todos  
que sou fraca aparentemente,  
mas por dentro, sou o ser mais forte  
da terra  
Que meu cérebro é pequeno  
mas pensa e raciocina rápido  
como um tiro  
Que minhas mãos delicadas  
acariciam, mas também sabem ferir  
Que meu corpo é frágil,  
mas enfrenta lutas  
Eu reproduzo seres humanos, como  
vocês

Tenho sexo diferente, seios que  
alimentam  
pele macia, cabelos sedosos,  
boa pequena, língua ferina  
Sim, sou o ser belo da terra,  
motivo de inspiração dos poetas  
Sou MULHER, senhores,  
com muito prazer  
e venho de uma luta  
de milhares de anos,  
onde minhas roupas foram rasgadas  
meu coração estraçalhado milhares de  
vezes,  
meus filhos arrancados dos meus  
braços,  
meu corpo, virgem, violentado,  
meus ossos quebrados, minha voz  
cassada,  
o sim ocupando o lugar do não  
Agora, chega!  
Venci a luta.

sou mulher  
Quero o meu troféu,  
quero minha glória, quero o meu trono,  
quero reinar com vocês

## Sirlei Maria Davi

Não temo o momento em que perceber flácidos os  
meus seios  
nem, quando, no espelho, notar a ruga  
que se inculta ao alongar de meus olhos.  
Não temo, tão pouco, quando se fizerem presentes  
os primeiros fios de cabelos brancos.  
Não temo, igualmente, o instante  
em que sentir um ritmo menos veemente  
nas excitantes palpitações de meu corpo.  
Nem temo o dia em que for chamada de vovó  
nem temo o momento em que tiver tempo  
de sentar para fazer tricô.  
Temo, muito menos, a lentidão que se fizer  
acompanhar aos meus passos.

80